

M^o 925

925

COLEÇÃO RUSTICA
FOLHETOS DO AGRICULTOR



DIRIGIDA POR
A. URBANO DE CASTRO, ENGENHEIRO AGRONOMO
JOAQUIM PRATAS, MEDICO VETERINARIO

15



RC
MNCT
63
PRA

UNICULICULTURA
Bellores Raças de Coelhos

Joaquim Pratas

COLEÇÃO RUSTICA

SECÇÃO I.ª — O MEIO FISICO E OS SERES VIVOS

1. Solo
2. Clima.
3. A planta.
4. O animal.

SECÇÃO II.ª — OPERAÇÕES GERAIS DE CULTURA

1. Afolhamentos.
2. Reprodução e multiplicação das plantas.
3. Amanhos ou grangeios.
4. Forçagens.
5. Colheita.

SECÇÃO III.ª — ARVENSICULTURA

1. Cereais.
2. Leguminosas.

SECÇÃO IV.ª — HORTICULTURA

1. Noções gerais de horticultura.
2. Hortaliças, tuberculos e raizes.
3. Cultura de primores.

SECÇÃO V.ª — PRATICULTURA

1. Noções gerais de praticultura.
2. Prados artificiais.
3. Prados naturais.
4. Prados de montanha.

SECÇÃO VI.ª — JARDINAGEM

1. Noções gerais de jardinagem.
2. Floricultura.
3. Plantas ornamentais.

SECÇÃO VII.ª — VITICULTURA

1. Ampelografia.
Viticultura.

SECÇÃO VIII.ª — ARBORICULTURA

1. Plantação e grangeio dos pomares.
2. Pomares de espinhos.
3. Pomares de pevide.
4. Pomares de caroço.
5. Olivicultura.

SECÇÃO IX.ª — SILVICULTURA

1. Cultura florestal.
2. Exploração florestal.
3. Plantas resinosas.
4. Plantas folhosas.

SECÇÃO X.ª — PLANTAS INDUSTRIAIS

1. Plantas texteis.
2. Plantas oleaginosas.
3. Plantas tinturiais
4. Plantas medicinais.
5. Plantas sacarinas e amilaceas.
6. Plantas aromaticas.
7. Tabaco.

SECÇÃO XI.ª — PLANTAS COLONIAIS

1. Café.
2. Cacau.
3. Borracha.
4. Oleaginosas.
5. Outras culturas coloniais.

SECÇÃO XII.ª — ACIDENTES E DOENÇAS DAS PLANTAS

1. Acidentes das plantas.
2. Doenças e seus tratamentos.
3. Vegetais e animais destruidor dos parasitas das plantas.

SECÇÃO XIII.ª — ZOOTECNIA

1. Gado cavalari e muar.
2. Gado bovino.
3. Gado ovino e caprino.
4. Gado suino.
5. Cão.
6. Gato.
7. Avicultura.
8. Cuniculicultura.

SECÇÃO XIV.ª — AQUICULTURA

1. Peixes das aguas interiores.
2. Criação dos peixes da agua doce.

SECÇÃO XV.ª — SERICICULTURA E APICULTURA

1. Sericicultura.
2. Apicultura.

SECÇÃO XVI.ª — MEDICINA VETERINARIA

1. Medicina dos solípedes.
2. Medicina dos bovinos.
3. Medicina dos ovideos e porci deos.
4. Medicina do cão e do gato.
5. Medicina das aves.
6. Medicina dos coelhos.

SECÇÃO XVII.ª — CIRURGIA VETERINARIA

1. Pequenas operações cirurgicas e pensos.
2. Obstetricia.
3. Siderotecnia.

SECÇÃO XVIII.ª — TECNOLOGIA RURAL

1. Microbiologia agricola.
2. Moagem e panificação.
3. Bebidas fermentadas.
4. Oleificação.
5. Açucar.
6. Tecnologia florestal.
7. Lacticinios.

COLEÇÃO RUSTICA
FOLHETOS DO AGRICULTOR

CUNICULICULTURA
AS MELHORES RAÇAS
DE
COELHOS

POR
JOAQUIM PRATAS

MEDICO-VETERINARIO



COMPANHIA NACIONAL DE PUBLICIDADE
ROMULO DE CARVALHO

RC
MNCT

63

PRA

EDIÇÃO
DA
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
LISBOA-1922

COLEÇÃO RUSTICA
FOLHETOS DO AGRICULTOR

DIRIGIDA POR

ARTUR URBANO DE CASTRO, engenheiro agronomo
JOAQUIM PRATAS, medico veterinario

COM A COLABORAÇÃO DE

engenheiros agronomos, engenheiros silvicultores,
medicos veterinarios, regentes agricolas e florestais,
economistas e publicistas agricolas

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE
PROPRIEDADE, PERTENCENTE À EM-
PRÉSA NACIONAL DE PUBLICIDADE



CAPITULO I

GENERALIDADES

I. ORIGEM DO COELHO



ÃO desencontradas as opiniões acêrca da verdadeira proveniencia ou patria do coelho : querem uns que seja a Africa, outros a Asia. O certo é que, desde há muitos séculos, era conhecido entre os mais antigos povos africanos, como o egipcio, e asiatico, como o chino, indio e judeu ; mas, ao passo que Confuncio,

o sabio legislador chino, aconselhava a sua reprodução e o considerava animal digno de ser imolado nos altares dos deuses, como simbolo da fecundidade, Moisés prescrevia o uso da sua carne, bem como da do porco, por attribuir a ambas a causa da cruel afecção — a lepra — contraída pelos judeus, quando da sua vida errante pelo deserto ; prescrição esta que Mahomet,

mais tarde, estabeleceu, também, entre os mussulmanos.

Ou da Africa, conforme uns, ou da Grecia, conforme outros, vieram os coelhos para a Iberia, e aqui tão favoráveis foram, ao seu desenvolvimento, as condições do meio, que se tornaram uma verdadeira praga, sobretudo nas ilhas Baleares; de tal sorte que, quando os romanos conquistaram a península a denominaram *Armorica* (terra de coelhos), provindo o termo *hispania*, segundo historiadores e filólogos, do hebraico *saphan*, e do fenicio *spanija*, que significam coelho. Catulio, 50 anos antes de Cristo, apelidou-a *Iberia cuniculosa*.

Da Espanha alastraram-se os coelhos pela França, Inglaterra e outros povos da Europa, e com eles os grandes senhores povoavam os bosques, para lhes darem o duplo prazer da caça e da mesa. Porém, as devastações que a sua voracidade ocasionava nos campos tornaram-o animal execrado e perseguido pelo povo, e, tanto assim, que, durante muito tempo, só difficilmente podia viver no estado selvagem.

As primeiras tentativas de domesticação foram empreendidas nos conventos. Fácilmente o homem o subjugou, e sob a influencia de climas diversos, pelo cruzamento de raças e outros processos zootecnicos, se obtiveram raças e variedades novas, diferindo, por muito dos seus caracteres, da especie selvagem ou primitiva.

2. CARACTERES ZOOLOGICOS DO COELHO

O coelho (*Lepus cuniculus*) (1) é um mamifero pertencente á ordem dos *Roedores*, familia dos *Leporidios*.

(1) *Cuniculus* significa o trabalho subterraneo dos mineiros para derrubarem as muralhas das praças fortes.

O que o distingue dos demais roedores é possuir, no maxilar superior, quatro incisivos, dispostos dois adiante e, paralelamente, outros dois por detrás, escondendo aqueles, que são mais compridos e largos, estes últimos; no maxilar inferior apenas tem dois incisivos. Como todos os roedores, não tem caninos, de modo que os incisivos estão separados dos molares por um espaço denominado *barra*. Os molares estão unidos entre si, formando uma lamina vertical: os do maxilar inferior são mais salientes, pelo que o coelho quando mastiga executa movimentos laterais, semelhantes aos dos ruminantes. Tem ainda os incisivos a particularidade de não possuírem raízes, serem esmaltados á frente, desgastando-se pela alimentação, mas crescendo sucessivamente.

As orelhas do coelho são enormes, em forma de cartuxo, externamente peludas, quasi glabras por dentro; os olhos salientes e laterais; os labios extremamente moveis, sendo o superior fendido; a cauda curta, peluda e, quasi sempre, alçada; o corpo coberto de pêlo fino, assetinado e abundante, algumas vezes de um belo colorido; os pés posteriores muito compridos e fortes, com cinco dedos, ao passo que os anteriores são curtos e com quatro dedos; as unhas são pouco desenvolvidas, mas robustas; as patas inteiramente cobertas de pêlo; o canal digestivo desenvolvidissimo.

Vive em tocas nas regiões mais temperadas, por ser pouco resistente ao frio, e nutre-se de sementes, frutos, folhas, ervas, raízes e cascas, tornando-se, por isso, um herbívoro nocivo á agricultura.

A coelha é multipara, isto é, páre de cada ninhada 10, 12 e mesmo até 16 laparos, nascendo estes com os olhos abertos, e tem seis a oito partos anuais.

Segundo o seu modo de vida, os coelhos dividem-se em três grandes categorias: *selvagem* ou *bravo*; *semi selvagem* ou *de tapada* (*garemma*), e *domestico* ou *commum*. O primeiro, nascido e criado em pleno campo,

vive e reproduz-se livremente; o segundo, vive tambem, no estado bravo, mas em recintos murados, reproduzindo-se em liberdade; o ultimo ou é criado á solta, em coelheiras de pequena area, ou vive em regime celular.

Diferença-se o coelho da lebre (*Lepus europaeus* e *Lepus timidus*) não só pelos seus caracteres exteriores como tambem pela sua constituição anatomica. A lebre tem a cabeça maior, bem como as fossas nasais, as orelhas mais espalmadas, os olhos sem palpebras, os musculos vermelhos, o corpo mede 0^m,65, não abrem tocas para viver ou reproduzir-se, limitando-se a escavar, na ocasião do parto, um pequeno ninho superficial na terra; páre apenas, de cada ninhada, 2 a 4 filhos, que nascem com os olhos fechados.

Pelos caracteres expostos, se vê bem a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade de obter produtos do cruzamento entre o coelho e a lebre a que o vulgo chama *leporidos*, os quais nunca podem conseguir-se, naturalmente, entre o coelho e a lebre, ou entre o lebrão e a coelha. Só excepcionalmente, alguns cunicultores afirmam ter obtido leporidos pelo cruzamento forçado do lebrão com a coelha, produtos estes sem qualquer valor zootecnico, e cuja existencia é negada pela maior parte dos naturalistas. Alguns produtos, que têm aparecido em exposições com esta designação, não passam de grandes coelhos, como a *lebre belga* que adiante é descrita, tendo a configuração e a côr das lebres.

3. FUNÇÃO ECONOMICA

Durante seculos, a unica função economica do coelho aproveitada pelo homem foi a da produção de carne. O desenvolvimento industrial e scientifico levou, depois, os criadores a explorarem umas raças como fornecedoras da matéria prima da industria de tecidos, outras pelas suas vistosas e delicadas peles, usa-

das como abafo, ornamento ou para calçado, outras, ainda, pela aplicação do pêlo na industria dos feltros para chapelaria e outros fins, dantes abastecida pelas peles de castor, especie, hoje, quasi extinta.

Daqui o pretender-se dividir as raças de coelhos de utilidade em três grupos: *produtores de carne* (Gigante de Flandres, Normando, etc.), *produtores de pêlo* (Angorás) e *produtores de peles* (Chinchilla, Rex, etc.). Esta divisão é um tanto arbitraria, visto os coelhos serem sempre animais de função mista, dando, pelo menos, pele e carne aproveitaveis; não devendo, portanto, tomar-se á letra, mas sim com certa latitude os termos coelhos de carne, de peles ou de pêlos. A raça Angora, por exemplo, que é o tipo das produtoras de pêlo de fiação, é, também, uma excelente raça para peletaria e para carne.

Esta divisão, apesar do defeito apontado, é preferível á usada por Cornevin, que se fundava no tamanho das orelhas ou ás adoptadas por outros autores, e que tem por base ou o peso dos coelhos, ou o comprimento do pêlo; por isso a adoptamos.

4. AS RAÇAS E SUA APRECIACÃO

Em zootecnia, *raça* é um conjunto de animais da mesma especie, apresentando determinados caracteres que, por hereditariedade, se transmitem aos seus descendentes. Mas acontece que, além dos caracteres que os pais transmitem, podem aparecer nos filhos outros puramente individuais, não existentes nos ascendentes. De modo que, afora as *variações* do tipo definido na raça, por assim dizer devidas á fusão dos caracteres herdados do pai e da mãe, podem aparecer variações bruscas, chamadas *mutações*, cuja causa ainda hoje desconhecida, talvez venha a ser explicada um dia pela influencia de agentes, não descobertos, que actuem sobre os reprodutores no momento da fecundação ou sobre o embrião.

Quando procuramos e conseguimos fixar esses caracteres individuais ou o produto da fusão dos caracteres dos progenitores e antepassados, criamos uma raça.

Sabendo-se, por outro lado, a decisiva influencia do meio ambiente (ar, luz, humidade, estado electrico, temperatura, comida, altitude, etc.), sobre a conformação dos seres, e a curta gestação dos coelhos, compreende-se fácilmente que existam em todo o mundo algumas centenas de *raças* de coelhos, e que este numero não cesse de aumentar em cada ano. Pode dizer-se que cada país procura adaptar ao seu meio, ou criar para o seu meio, *linhas* ou *raças* que melhor satisfaçam as exigencias do mercado e mantê-las depois com a maior pureza. Países há, como a França e a Inglaterra, onde esses esforços são coordenados e orientados, por *clubs* ou associações de criadores, por sindicatos e por federações. Noutros, como em Portugal, as criações fazem-se ao acaso, sendo até frequente em concursos officiais a inscrição de coelhos de raça portadores de vicios que os desclassificam. Esta forma de agir no campo zootecnico, hoje que em todos os ramos se procura especializar a produção, é irracional. O criador de coelhos a primeira coisa que precisa saber é a *finalidade* ou objectivo (carne, pêlo, peles, ou carne e peles, ou carne e pêlo, ou carne, pêlo e peles) para depois escolher a raça especializada com que deva povoar as coelheiras. Em segundo lugar, precisa de conhecer bem os caracteres dessas raças, a forma de comparar entre si dois coelhos da mesma raça, os defeitos que os desclassificam e a maneira como devem ser criados os coelhos de cada raça para que os caracteres se mantenham. Para facilitar a apreciação e comparação do valor de coelhos da mesma raça, usa-se o processo conhecido pelo nome de *pontuação* ou *metodo de pontos*, que consiste em attribuir, a cada região ou a determinadas condições, um numero de pontos ou valores, variavel

com o grau de beleza dessa região ou com a melhor ou pior satisfação dessas condições, até um limite *maximo*, marcado por um numero que é o maximo de valores que se pode dar, e somando depois esses valores, que na totalidade deve ser 100.

Para melhor se compreender fixemos um exemplo: o da comparação dos valores de dois coelhos Gigantes Normandos. Para podermos apreciá-los, devemos primeiro ler os caracteres descritos no *standard* ou *padrão* da raça e depois, cuidadosamente, os defeitos que podem obrigar á sua *desclassificação*. Em seguida, se ambos os animais obedecerem ao padrão, e não tiverem defeitos que os desclassifiquem, devemos ver qual deles melhor satisfaz as exigencias da raça, segundo a tabela ou escala de pontuação. Esta dá-nos, para aquela raça: tipo, 20; orelhas, 10; côr, 30; peso, 30; condições gerais, 5. Total 100.

Vê-se então, em frente dos coelhos, qual o que mais se aproxima pelo tipo, pelas orelhas, pela côr e pelo pêlo do que estava inscrito no padrão, e se considerarmos que tem o tipo optimo, dar-lhe-emos 20 valores, ás orelhas ideais da raça, 10, etc.; quando há uma falta, tiram-se tantos mais valores quanto maior fôr essa falta. Depois soma-se e obtem-se um numero que representa a pontuação ou valorização.

Suponhamos no exemplo presente que um coelho obtinha 18 valores de tipo, 9 de orelhas, 21 de côr, 30 de peso e 4 de condições gerais, teriamos para ele 82 pontos. Admitamos que o outro obtinha apenas 10 valores para o tipo, 5 para orelhas, 18 para côr, 25 para o peso e 3 para condições gerais, teriamos 61 valores ou pontos, o que nos obrigaria a escolher o primeiro.

Na *pontuação* consideram-se como condições gerais, a idade, a saude, a robustez, etc.

Cada raça tem a sua escala de pontuação diferente, visto que cada uma tem os seus caracteres proprios e a sua finalidade. Assim, ao passo que para o coelho

Gigante de Flandres se dispensa a pontuação do pêlo, para a raça Angora esta ocupa 50 pontos.

5. O COELHO BRAVO

O coelho selvagem é um animal pequeno, medindo, normalmente, 0^m,44 desde a ponta do focinho á extremidade da cauda, e com o peso maximo de 2 quilogramas. A sua pelagem é cinzento-acastanhada, mais clara ou mais carregada segundo o clima das regiões onde habita, abrindo sempre um pouco em côr para o pescoço, quarto anterior, flancos e patas, com a cauda superiormentê negra e inferiormente branca, sendo também desta côr o ventre e as faces internas das coxas.

O coelho bravo vive por toda a parte, na Europa meridional e central, preferindo os lugares tranquilos, revestidos de vegetação rasteira mas compacta, e os terrenos moveis, onde lhe seja facil abrir as luras ou tocas, vivendo sempre nas proximidades de terras cultivadas.

A fecundidade do coelho selvagem é proverbial: a femea tem seis a oito partos por ano, dando de cada vez vida a seis laparos, em media. Na ocasião do parto, a femea afasta-se do macho e vai construir o seu ninho um tanto afastado, para evitar os furores daquele, que o levam á perca do instinto da paternidade e mata os filhos. A epoca das criações começa em Fevereiro ou Março, segundo as localidades, e dura até Outubro; no Algarve aparecem ás vezes laparos em Fevereiro, o que significa que nesta provincia, quando o tempo corre quente, o acasalamento se antecipa para Janeiro.

A gestação da coelha dura trinta a trinta e um dias.

O ninho, que a parturiente escava, é sempre formado por uma galeria obliqua, de cima para baixo, pouco profunda e com uma unica entrada, acabando numa camara redonda, que a femea atapeta com feno,

folhas secas e, por fim, com o proprio pêlo, que arranca ao ventre.

As tocas onde os coelhos vivem em colonias têm uma topografia diversa, visto serem escavadas sómente com o objectivo de segurança contra os inimigos naturais ou contra os caçadores; têm diversas galerias que desembocam numa ou em varias portas ou bocas de saida, comunicando umas com as outras e com diversos fundos de sacco onde os coelhos se acoitam.

Como acontece com todas as femeas multiparas, o parto da coelha é facilimo. Os filhos nascem nus e com os olhos fechados, o que não acontece com as lebres. Terminado o parto, a coelha envolve bem os filhos no feltro com que forrou o ninho, sai e dissimula com terra e feno a porta da toca, onde só volta pela manhã e á noite para dar de mamar aos filhos, tapando sempre cuidadosamente a toca, especialmente quando aqueles começam a abrir os olhos (8 a 10 dias) para que, atraidos pela luz, não saiam para o campo. Só quando os laparos têm um certo desenvolvimento é que deixam a boca da toca aberta para que estes iniciem os seus exercicios, sempre sob a vigilancia da mãe, que os adverte ao minimo perigo, batendo bruscamente com as patas traseiras no chão e dando um pequeno grito.

O aleitamento dura 40 a 50 dias; passado ele, ou já nos ultimos dias, a mãe sai para o campo com os filhos, para os ensinar a comer. Logo que nasce, o coelho revela-se o animal glutão e devorador que de facto é: quando a mãe entra na lura, atira-se com sofreguidão á mama, chegando ás vezes a sair da toca agarrado a ela, quando a mãe quer suspender a amamentação.

Pela mesma razão, os coelhitos mais fortes e que são sempre os primeiros a apanhar a teta, opondo-se a que ás outras cheguem os mais debeis, ocasionam

às vezes a morte dalguns destes, por inanição, dentro do proprio ninho.

Aos cinco meses os coelhos bravos estão já aptos para a reprodução, de modo que os que nascem nas primeiras ninhadas podem ainda ter filhos dentro desse ano.

Os coelhos bravos saem a comer, em grupos, de noite ou nos dois crepusculos, preferindo as noites muito clara ou de luar. Vão sob a vigilancia dum chefe que parece ser o mais velho do grupo e que os conduz ás melhores pastagens e os adverte dos perigos, batendo bruscamente com as patas traseiras no chão.

A vida do coelho bravo é mais longa do que a do coelho domestico, sendo em media de oito anos. A sua fecundidade dura, porém, só até aos cinco anos, sendo dos dois aos quatro a epoca mais prolifica.

Apesar da sua grande fecundidade e de cada femea poder parir 40 a 50 filhos por ano, os coelhos, nas regiões onde abundam varias especies de caça, raro chegam a constituir rebanhos consideraveis, porque têm imensos inimigos (gatos bravos, raposas, lobos, cães, aves de rapina, etc.) que os devoram.

Nos coelhos bravos a reprodução faz-se na maior consanguinidade.

Nos campos comem o que encontram : cereais, legumes, fenos, folhas, tuberculos e até as raizes e as cascas dalgumas arvores, sendo por isso, nas terras de cultura, um dos maiores inimigos do lavrador.

6. O COELHO COMUM

O que é o coelho comum portugûês? Apenas o resultado da longa domesticação do nosso coelho selvagem, de quando em quando refrescadas as gerações pela pratica corrente da introdução nas coelheiras de um coelho bravo como padreador, quando as linhas fraquejam em fecundidade ou em resistencia ás doen-

ças, ou abastardadas pela introdução casual de padreadores de raça.

O largo periodo de domesticação contribuiu, como é natural, para modificar um tanto o aspecto do coelho selvagem, incidindo as divergencias, na opinião de Darwin e de Lesbre, principalmente no seguinte: o coelho bravo ou de tapada tem o craniô maior e mais parecido com o da lebre, a sua face é mais curta, o tubo osseo auditivo é fino, o interparietal é serrado, a ponta terminal do osso malar é mais aguda, o buraco occipital mais largo, as apofises medias do atlas um pouco menos desenvolvidas do que no coelho manso. Tem também as orelhas mais pequenas, e o seu tamanho e peso são inferiores aos normais do coelho manso. A côr da pelagem é mais terrosa e apparecem raras vezes entre eles casos de albinismo e mutações de côr, tão frequentes nos coelhos vulgares domesticos.

Hoje pode considerar-se o coelho domestico como ainda mais afastado deste tipo descrito por Darwin e Lesbre, porque, com a difusão de raças diferentes, raras são as coelheiras onde se não tenha feito introdução de sangue de qualquer raça, sem outro objectivo que não fôsse o do capricho momentaneo do criador; daí uma infinidade de tipos de todas as côres e com diversas conformações que as povoam. É impossivel descrever, portanto, um tipo de coelho comum.

Criam-se quasi sem cuidados, reunindo numa cêrca ou numa coelheira improvisada um macho com algumas femeas, lançando-lhes no chão a comida, constituida quasi sempre pelos restos vegetais da cozinha ou da horta, e não tendo outros cuidados diferentes dos de ir retirando os filhos machos, para evitar a luta entre eles, ou as femeas que excedam a capacidade da coelheira.

O coelho comum é uma boa base para selecção de linhas que podem vir a formar verdadeiras raças locais, caracterizadas pela transmissibilidade dos ca-

racteres. Assim, os conhecidos coelhos brancos de olhos pretos de La Rochelle, os coelhos belgas e os de Ardennes não são senão coelhos comuns seleccionados. Também em Portugal têm fama coelhos criados em certas localidades e que, não formando ainda propriamente raças bem definidas, são o resultado duma longa selecção de coelhos comuns que pode conduzir á fixação de raças nacionais.

CAPITULO II

RAÇAS PRODUTORAS DE CARNE

7. GIGANTE DE FLANDRES (2)

a) *Origem* — Segundo uns, é oriundo da Patagônia, e segundo outros, provém do coelho bravo belga domesticado. O seu grande desenvolvimento foi obtido através de larga selecção em Flandres. É uma das melhores raças para carne, desde que se abata antes de atingir o estado adulto, porque então torna-se mole e revestido de muita gordura. O tamanho das peles, que são revestidas de um pêlo uniforme, parecido com o do coelho comum, fá-las adquirir certo valor para curtir.

b) *Padrão* — Corpo comprido (0^m,90 a 1^m) largo, sendo quasi sempre a femea maior que o macho; ca-

(2) Fr. *lapin geant de Flandres, gros belge, gros hollandais, italien patagonien, americaine, andalouse*; ing. *the flemis giant*; al. *das flandrische riesenkaninchen*.

beça grande, larga, redonda, forte e bem colocada, sendo na fêmea mais alongada e um pouco menos volumosa; boca larga; olhos grandes, vivos e escuros; orelhas largas, levantadas, com 0^m,15 a 0^m,18 de comprimento, abertas para diante em V e com as pontas arredondadas; pescoço curto; a papada o menor possível no macho e na fêmea o mais uniforme possível e sem deformações; dorso horizontal e largo; garupa arredondada; ventre largo, não devendo a côr branca vêr-se quando o animal repousa; as patas da frente bastante fortes, direitas, sem se aproximarem das posteriores e sem serem barradas de negro ou de branco, sendo porém tolerados os pêlos brancos dessiminados nos pés; pêlo liso e do comprimento do do coelho comum; *pelagem* com duas côres típicas sendo uma da côr cinzenta de lebre, com o ventre, a parte inferior da cauda e os pés brancos, e a outra da côr cinzenta dos coelhos bravos, também com o ventre, a parte inferior da cauda e as patas brancas.



Fig. 1 — Gigante de Flandres

c) *Variedades* — Além dos dois tipos acima descritos, a grande procura de peles para abafos levou os criadores a infinitos cruzamentos industriais, alguns dos quais se fixaram e constituem variedades desta raça: *coelhos gigantes de Flandres azues prateados, azues afogueados, brancos afogueados, etc.*

d) *Desclassificações* — Orelhas pendentes, malhas brancas no focinho ou na frente, patas listadas, pêlo longo e lanoso, patas desaprumadas, dorso anguloso, cauda oblíqua, *papada* irregular, peso inferior a 5 quilogramas, côr imprecisa dentro da variedade.

e) *Escala de pontuação* — Aparência geral, 25; comprimento, 15; largura, 15; orelhas, 10; patas, 10; cabeça, 5; peso, 10; côr, 10. Total, 100.

f) *Criação* — O nome de Gigantes, foi-lhes, realmente, bem posto. Estes coelhos, quando adultos, pesam entre 6 e 8 quilogramas, havendo raros exemplares com mais de 9,5 quilogramas. Apesar desta corpulência, não são robustos, e, sendo muito sensíveis ao calor, são pouco aclimatáveis às regiões quentes do nosso país, onde podem, no entanto, ser empregados com êxito em cruzamentos. As fêmeas parem 4 a 7 filhos, mas não se devem deixar mais que 3 ou 4 para se não prejudicarem no desenvolvimento.

O macho não deve ser lançado antes do ano; a fêmea deve ser coberta uma primeira vez aos seis meses, para que não fique estéril, deixando-se nesse parto apenas dois filhos; voltar-se-á a cobrir na idade de um ano.

Esta raça não deve criar-se em células ou gaiolas estreitas: necessita de alojamento espaçoso para o exercício, e para que as mães não esbarrachem os filhos.

São coelhos que precisam de uma alimentação muito cuidada: às mães em lactação e aos filhos na desmama devem dar-se todas as manhãs sopas de leite, antes do alimento normal. Os laparos temem muito a humidade e as correntes de ar. Podem considerar-se adultos aos 12 meses, atingindo o peso do tipo aos 6 meses. Não são coelhos para criações de rendimento.

Afirmam alguns criadores que a reprodução constante entre indivíduos da variedade de côr cinzento

bravo, deminui progressivamente o tamanho; que os machos de côr lebre dão, com femeas da mesma côr, filhos cada vez mais claros, acabando por ficar com uma coloração amarela; e que acasalando a variedade cinzento coelho bravo, se obtêm alguns individuos todos negros, que são muito bonitos e robustos. Destes machos negros é que é preciso de vez em quando lançar mão para reforçar as côres típicas quando começam a descorar-se as pelagens.

8. GIGANTE AZUL DE VIENA (3)

a) *Origem* — É muito discutida a sua origem: para certos autores, provém da variedade azul do gigante de Flandres, para outros do cruzamento de coelhos vulgares desta raça com o prateado azul; há, ainda, quem afirme ser apenas a raça azul de Beveren, seleccionada no sentido de maior corporeidade. Um criador alemão obteve, pela selecção de individuos de orelhas erectas, aparecidos nas criações de *arietes azues*, uns coelhos deste tipo que por terem sido expostos pela primeira vez em Viena passaram a conhecer-se pelo nome de *gigantes azues de Viena*.

b) *Padrão* — Tem o aspecto dos gigantes de Flandres, mas com formas mais elegantes, ou menos massivas, pesando entre 5 e 6 quilogramas; cabeça larga e forte, com orelhas bem levantadas e de ponta arredondada; pelagem azul claro uniforme; pêlo de comprimento médio e lúcido.

c) *Desclassificações e escala de pontuação* — Podem indicar-se os descritos para o gigante de Flandres.

d) *Criação* — Como o gigante de Flandres.

(3) Fr. *Lapin geant bleu de Vienne*; ing. *imperial rabbit*.

9. NORMANDO E GIGANTE NORMANDO

a) *Origem* — O coelho normando é oriundo da Normandia (França) encontrando-se também muito na Bretanha e no sul deste país. É o coelho ali comum seleccionado em vista da produção de carne, reproduzindo-se sempre cinzentos, sem branco, o que no dizer de Nandin prova que pertencem a uma raça primitiva que não ganhou pela domesticação senão a amplitude de formas e a docilidade.

O coelho normando não tem um grande interesse para o criador de coelhos pois não passa dum coelho comum, bem seleccionado no seu país de origem. Não acontece assim com a variedade a que ele deu origem pelo seu cruzamento com o gigante de Flandres, que é conhecida em todo o mundo com nome de *gigante normando*, e que é considerado um dos melhores coelhos de carne.

b) *Padrão* — Corpo mais proporcionado que o gigante de Flandres, menos comprido e pesado: cabeça mais larga e volumosa que a do coelho comum, ligeiramente acarneirada, com olhos grandes, orelhas gran-



Fig. 2 — Gigante normando

des e direitas, mas não muito compridas, ás vezes, uma ou outra pendente; dorso arqueado; nos machos a barbela não tem papada, e nas femeas esta não é desgraciosa como nas do gigante de Flandres; patas

curtas, fortes e nervosas; pelagem cinzenta- avermelhada levemente, com as orelhas da mesma côr, ligeiramente mais clara no ventre, não devendo as patas ter listas ou manchas brancas; pêlo abundante, curto, fino, brilhante e de côr uniformemente cinzenta, sem manchas brancas. Peso normal, 4 a 5 quilogramas no animal adulto, podendo ultrapassar, nalguns casos, 6 quilos.

c) *Desclassificações* — Forma muito alongada; orelhas largas, espessas, arredondadas ou pendentes; papada exagerada na fêmea; pelagem muito escura ou amarelada e pintas brancas no focinho ou nas patas; peso inferior a 4 quilogramas.

d) *Escala de pontuação* — Tipo, 20; orelhas, 10; pêlo, 5; côr, 30; peso, 30; condições gerais, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Os gigantes normandos são muito prolíferos, parindo as fêmeas 6 a 8 filhos em cada ninhada que criam bem; aos três ou quatro meses, se forem bem alimentados e castrados, podem destinar-se á mesa; aos dez meses podem pesar cinco quilogramas; são muito rusticos e faceis de criar. A carne é excelente.

O coelho gigante normando deve ser introduzido nas nossas coelheiras como animal melhorador dos coelhos comuns. Pode conseguir-se isso por duas formas: a primeira consiste em adquirir uma fêmea pura e cruzá-la com um bom macho comum, acasalando depois os filhos na idade de oito meses; a segunda consiste em comprar um macho gigante normando e destinar-lhe dez fêmeas comuns, cruzando de novo com o pai as mais bonitas fêmeas passada a idade de seis meses, e aproveitando então os filhos deste segundo cruzamento para a reprodução. Todos os três anos se deve renovar este cruzamento com gigante normando.

a) *Origem* — Obtido por alguns cunilicutores de Valencia (Espanha) e por isso também chamado *coelho valenciano*, é o produto do coelho lebre do país com o gigante de Flandres, aumentado em fecundidade pela introdução de sangue de coelhos comuns corpulentos. É uma raça relativamente recente, datando de 1915 as primeiras tentativas da sua formação, e de 1921 o reconhecimento como raça pura na Exposição Internacional de Paris. É uma boa raça de carne.

b) *Padrão* — Corpo volumoso, maciço, de formas arredondadas e com o comprimento médio de 0^m,90. Cabeça grande, acarneirada; olhos pardos, mais ou menos escuros na variedade leonada, e rubi na variedade branca;



Fig. 3 — Gigante espanhol

orelhas grandes, largas e carnosas, terminadas em bico de colher, levantadas e um tanto afastadas; focinho curto e provido de fartos bigodes; pescoço curto e grosso, podendo as fêmeas ter papada; patas fortes, direitas, curtas, com unhas pardas ou negras, muito brilhantes e rijas; cauda levantada; pêlo de comprimento médio e abundante, sem ser muito cerrado; pelagem leonada ou branca (o que

caracteriza duas variedades) sem manchas cinzentas, negras ou brancas, de tom uniforme, com excepção do ventre e parte inferior do rabo, que pode ser um pouco mais claro, atirando para branco; peso, aos onze meses, nos machos de 5,5 a 7 quilogramas, nas fêmeas até 7,5 quilogramas; aos seis meses devem ter pelo menos 3,5 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Formas angulosas; lombo arqueado ou convexo; orelhas obliquas ou tombadas; focinho pontagudo; olhos pequenos, claros ou rodeados de pêlos cinzentos, brancos ou negros; patas delgadas, ou com manchas brancas; cauda curta, curva, oblíqua ou dobrada; manchas de cor estranha na pele; peso inferior a 5,5 quilogramas.

d) *Escala de pontuação* — Aspecto geral, tipo e linhas, 25; orelhas, 15; cor, 25; patas, 10; cauda, 5; peso, 20. Total, 100.

e) *Criação* — Ao tratarmos das raças gigantes da Europa central, tivemos ocasião de evidenciar a sua difícil adaptação aos climas sul-europeus. Isto levou alguns criadores espanhóis a procurar fabricar uma raça com as características dos gigantes, mas resistente aos calores peninsulares e tendo ainda a fecundidade corrente nas coelhas comuns. Conseguiram isso inteiramente com o coelho gigante espanhol e sua variedade branca, que hoje se encontra dessiminada por toda a península e que tem sido ensaiada, com ótimo resultado, na Argentina e em Cuba.

Reproduzem-se com grande facilidade, dando partos de 8 a 12 e, ás vezes, de 14 a 16 laparos; as fêmeas são ótimas mães. Aos três meses podem pesar 2 a 2,5 quilogramas. Os laparos são muito rústicos e precoces, não precisando, para se criar, de grandes cuidados como o gigante de Flandres.

11. ARIETES, ORELHUDOS OU DE ORELHAS
PENDENTES (4)

a) *Origem* — É desconhecida a origem desta raça, mas pensa-se ser proveniente da Gigante de Flandres, da qual difere apenas pela posição e grande desenvolvimento das orelhas, que têm 0^m,30 a 0^m,45 de comprimento por 0^m,15 de largura. É admissível que algum criador, desprezando as indicações dadas pelos que defendem o *standard* da raça, se lembrasse de criar e seleccionar os coelhos que lhe apareceram com orelhas pendentes, chegando-se assim, pela selecção e exageração daquilo que constitui um defeito no gigante de Flandres, a uma nova raça.

Por atavismo, alguns individuos da raça Ariete regressam ao tipo antigo, apresentando as orelhas na posição normal dos gigantes de Flandres, outros apresentam sómente uma orelha caída, pelo que os ingleses lhes chamam meio pendentes (*half-lop*); outros ainda apresentam as orelhas enviesadas como os remos de um barco e são os *oar-lop* dos ingleses; por ultimo, alguns apresentam as orelhas inclinadas para diante como se fôsem cornos (*hornlop* dos ingleses).

A fecundidade dos arietes é pequena, dando em media cinco filhos por ninhada; a carne, embora quantiosa, é de qualidade ordinaria.

Ha dois tipos distintos dentro desta raça: o *ariete francês* e o *ariete inglês*. Os alemães, os suiços, os espanhois e os italianos têm algumas vezes apresentado outros tipos nacionais, porém pouco definidos e que não descrevemos.

b) *Padrão* — 1.º *Ariete inglês* ou *lop*: É o tipo mais antigo. O corpo é longo; a cabeça alta, maior do que

(4) Fr. *Lapin belier*; ing. *lop* ou *lop-ear*; it. *coniglio ariete*.

nas outras raças, mas sem ser exagerada em proporção ao corpo; as arcadas orbitarias pouco salientes; as orelhas estreitas na base, alargando progressivamente até o meio e diminuindo, em seguida, até á ertremidade, que não deve ser muito aguçada, arras-tando pelo chão; os olhos grandes, quanto maiores melhor; as espaduas muito baixas; o cimo da cabeça e do dorso devem ficar de nivel quando o animal esti-ver de pé; as patas dianteiras ligeiramente afastadas; a garupa bem arredondada; a papada ligeiramente desenvolvida e apenas existente na femea; a cauda bem erguida; o pêlo pouco compacto, de comprimento medio e um pouco lanoso; pelagem com uma unica côr, e então os criadores ingleses chamam-lhe *ceif coloured*, ou com duas côres e recebem o nome *brokers coloured*. O peso varia entre 7 e 8 quilogramas, ha-vendo arietes ingleses com 11 quilogramas.

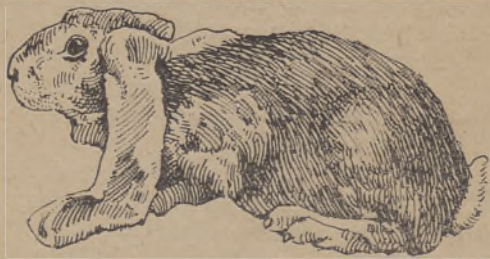


Fig. 4 — Ariete inglês

2.º *Ariete francês ou da Normandia* — Provém do ariete inglês cruzado com o gigante de Flandres e normando. É muito semelhante ao tipo inglês; tem, porém, a cabeça com as arcadas orbitarias muito sa-lientes, as orelhas um pouco mais pequenas, não atin-gindo ou tocando apenas o chão e caindo perpendi-cularmente; a pelagem é cinzenta, côr de rato, escura ou malhada.

c) *Variedades* — 1.º *Ariete inglês*: entre os unicolores compreendem-se as variedades branca, preta, azul, cinzenta, amarela e fulva; os bicolores provêm do cruzamento com coelhos comuns, e podem ser brancos malhados de preto, ou de azul, amarelo ou fulvo, aparecendo sempre o fundo branco. 2.º *Ariete francês*: há, também, indivíduos azues ardosa, negros e brancos, relativamente raros.

d) *Desclassificações* — 1.º *Ariete inglês*: além da má forma das orelhas, as patas arqueadas, os dedos voltados para fóra ou para dentro; a cauda atravessada ou torcida; os olhos carregados em côr; o peso insuficiente (inferior a 6 quilos). 2.º *Ariete francês*: má disposição das orelhas; saliências orbitarias pouco pronunciadas; patas torcidas; malhas brancas no focinho ou nas patas, nas côres uniformes.

e) *Escala de pontuações* — 1.º *Ariete inglês*: comprimento das orelhas, 20; largura das orelhas, 20; posição das orelhas, 10; olhos, 10; tamanho e configuração, 15; côr, 10; peso, 10; aspecto geral, 5. Total, 100. 2.º *Ariete francês*: cabeça, 20; orelhas, 25; patas, 10; olhos, 5; peso, 15; configuração geral, 10; condições gerais, 10. Total, 100.

Criação — Estes dois tipos, embora descritos pelos diversos autores como raças de carne, devem antes considerar-se de fantasia e carne, sobretudo o tipo inglês; o francês é um pouco mais pratico, por ser mais prolifico e rustico que o inglês.

Para conseguirem as orelhas monstruosas, os ingleses mantinham as coelheiras a uma temperatura compreendida entre 36º e 37º, o que tornava os animais linfaticos e facilitava a monstruosidade, e também collocavam as orelhas dos coelhos untadas com azeite e esticadas por um peso a elas preso, em frente dum foco calorifero. Hoje estas praticas podem considerar-se

abandonadas, limitando-se os criadores ingleses a fazer cobrir de preferencia as coelhas no verão, para aproveitarem a melhor temperatura ambiente, como auxiliar do desenvolvimento das orelhas que é mais activo até aos 5 meses de idade. As coelhas deste tipo devem ser cobertas aos 6 ou 7 meses por coelho de ano, não sendo conveniente deixar-lhes mais que 3 laparos.

O crescimento do tipo francês é mais rapido, não sendo, pelo geral, as fêmeas cobertas antes dos 10 meses. Os coelhos arietes são propensos a várias enfermidades e têm crescimento mais lento do que qualquer outra raça, pois só podem considerar-se adultos aos dois anos; as fêmeas são más mães.

12. PATAGONIA OU AMERICANO

a) *Origem* — Parece ser originaria da Flandres, tendo mesmo sido a base da formação da raça gigante de Flandres. Chamaram-lhe, a principio, raça americana para a distinguir desta ultima e, mais tarde, atendendo ao seu aspecto herculeo, passou a chamar-se Patagonia por simile com os indigenas daquela região. E' portanto uma raça de carne.

b) *Padrão* — Corpo de grandes dimensões e com uma forma quasi conica, engrossando desde o pescoço até á garupa, membros compridos e robustos, cabeça com olhos grandes, vivos e bem afastados, boca larga, orelhas compridas (cêrca de 0^m,18) proporcionalmente largas e curvas na extremidade; pêlo parecido com o do coelho comum; pelagem de côr cinzenta mais abundante que a do coelho bravo, mais clara no ventre que no dorso; peso entre 5 e 7 quilos.

c) *Desclassificações* — Orelhas sem curvatura ou curtas; peso inferior a 5 quilos.

d) *Escala de pontuação* — Identica á do gigante de Flandres.

e) *Criação* — Esta raça tende a desaparecer, absorvida pela do gigante de Flandres, que tem sobre ela vantagens.



Fig. 5 — Patagonia

As fêmeas são pouco prolíficas e más mães. Criam-se como os coelhos gigantes de Flandres.

13. GIGANTE DA PICARDIA

a) *Origem* — Esta raça foi criada em 1895, por Navet, cruzando o gigante de Flandres com os grandes coelhos comuns da Picardia, e obtendo, por esta forma, um coelho menos volumoso que o gigante de Flandres, mas mais rustico e prolífico, excelente produtor de carne, e com pele boa para feltro.

b) *Padrão* — Corpo um pouco menor que os gigantes, mas bem conformado e arredondado; cabeça grande e arredondada, as orelhas mais compridas e direitas que o gigante de Flandres; pescoço sem papada, mesmo nas fêmeas; pêlo curto, macio, pouco basto; pelagem côr cinzento-lebre.

c) *Escala de pontuação* — Identica á do gigante de Flandres.

d) *Criação* — São coelhos muito rusticos, de facil criação e muito prolificos. Os laparos, aos 5 ou 6 meses, podem pesar 3 a 4 quilos; os adultos pesam, em média, 4 ou 5 quilos. São excelentes coelhos para explorações industriais de carne.

14. FULVO DE BORGONHA

a) *Origem* — Renard afirma que esta raça, embora só ultimamente tenha sido apresentada nas exposições, não é uma raça nova, pois a sua existencia data de há mais de um seculo. É um produto natural da Borgonha (França), criado um tanto ao acaso, tendo adquirido uma grande rusticidade e vigor, aumentada pela selecção, bem ordenada. Produtor de carne magnifica, a sua pele é também muito estimada, pois se não mancha na ocasião da muda, mantendo de verão e de inverno um aspecto semelhante.

b) *Padrão* — Corpo bem proporcionado, amplo, comprido e robusto; cabeça forte e larga no macho, fina e mais alongada na femea; olhos bem abertos e de grandeza média, com a iris de côr castanha, e a pupila azul muito escuro; orelhas fortes, afastadas, direitas mas ligeiramente recurvadas do lado da face interna e tocando-se na base, com o comprimento médio de 13 centímetros; pescoço grosso e curto; papada ausente no macho e não muito desenvolvida na femea; membros curtos e fortes; cauda de tamanho médio, bem unida; peso médio do macho, 4 quilos, da femea 4,5 quilos; comprimento da extremidade das orelhas á dos membros posteriores $0^m,88$; pêlo muito fino e fulvo em quasi todo o seu comprimento; pelagem amarelo fulvo, olhos cercados de branco palido com sobrançelhas escuras. A parte superior da cabeça é igual-

mente branco palido, bem como uma linha de separação entre a cabeça e as espaduas; as orelhas, de côr fulva exteriormente, estão providas, internamente, de pêlos brancos muito curtos; as partes inferiores do ventre, dos pés e do rabo, são brancas; as partes brancas devem ser o menos aparentes possível.

c) *Desclassificações* — Formas muito alongada; orelhas pendentes, papada no macho ou papada exagerada na femea; malhas brancas sobre o focinho ou sobre as orelhas; barras brancas sobre os pés; côr fulva não uniforme ou com pêlos brancos ou cinzentos; côr branca muito viva ou demasiado aparente; peso inferior a 3,5 quilogramas no adulto.

d) *Escala de pontuação* — Tipo e aspecto, 15; peso, 15; côr, 20; cabeça, 10; olhos, 5; orelhas, 10; pescoço, 5; patas, 10; pêlo, 5; condições gerais, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Parece-nos que esta raça não tem sido explorada em Portugal, apesar de sermos um país vinhateiro e de serem considerados estes coelhos na região originaria, que é produtora de excelentes vinhos, como os melhores utilizadores da parra das vinhas, com a qual se alimentam grande parte do ano. São animais muito calmos, de apetite voraz e que por isso engordam com grande facilidade. São rusticos e prolificos, podendo começar a femea a ser coberta aos seis meses, dando quatro partos por ano e por parto seis a oito lparos, que nascem já da côr dos progenitores, o que facilita a selecção que consiste em deixar os que têm menos branco.

Aos 3 meses pesam geralmente os lparos 2 quilogramas; quando adultos, o macho pesa 4 quilogramas e a femea 4,5 quilogramas. Aos 4 meses estão capazes de se vender e podem dar 2 quilogramas de carne.

O cruzamento desta raça com os nossos coelhos comuns dá excelentes produtos.

15. BELGA

a) *Origem* — Também conhecido pelo nome de *lebre belga*, termo improprio porque, como já vimos, as lebres pertencem a uma especie diferente, mas que provém do facto dos cunilicutores ingleses e belgas, criadores da raça, virem, de ha largos anos, orientando as suas selecções por forma a darem a estes coelhos o aspectó exterior de lebres. E' uma boa raça de carne.

b) *Padrão* — Corpo comprido, elegante, com os flancos musculosos e bem levantados; espaduas com curvatura pronunciada; quartos trazeiros bem arredondados; peito musculoso e isentô de gordura; rabo levantado, e posto bem no prologamento da coluna vertebral; cabeça comprida e fina; olhos grandes e brilhantes côr de café escuro; orelhas com 12 a 14 centímetros; patas dianteiras compridas mas de fina ossatura e bem aprumadas; patas trazeiras compridas, elegantes e descançando por completo na terra; aspecto geral de lebre, com o ventre bem levantado e a curva do dorso perfeita; pêlo curto, rude; pelagem vermelha intensa com reflexos doirados ou acastanhados, em todo o corpo, menos no ventre e parte inferior da cauda, que são brancos como na lebre; entre o pêlo vermelho estão misturados pêlos negros mais longos formando aquilo a que os ingleses chamam *ticking*, e que se não devem distribuir uniformemente mas sim por placas sobre o peito, os maxillares, a frente da testa, o cimo da espadua, o dorso, a orelha e o flanco.

O peso no animal adulto deve regular entre 3 e 4 quilogramas.

c) *Desclassificações*—Qualquer particularidade morfológica ou de pelagem que os afaste do tipo lebre; *ticking* na parte inferior da espadua, dos flancos ou sobre os pés.

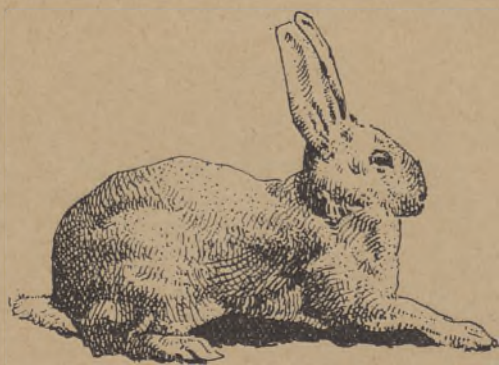


Fig. 6 — Lebre belga

d) *Escala de pontuação* — Forma, 30; côr geral, 20; patas (côr), 10; orelhas, 10; *ticking*, 10; olhos, 5; aspecto geral, 15. Total, 100.

e) *Criação* — E' uma raça muito resistenté e prolífica, dando a feméa 5 a 7 filhos por parto. Devem criar-se em lugares muito sossegados porque os individuos desta raça são muito tímidos, assustando-se e fugindo ao minimo ruído. Para a reprodução devem escolher-se individuos com mais de 8 meses, procurando as feméas de pelagem mais escura e *ticking* abundante e lançando-lhes machos de forma irrepreensível. Os laparos, ao nascer, apresentam varias côres: uns são todos negros, outros de côr fulva ou vermelha, a maior parte parecendo coelhos comuns. Só depois dos 4 meses apresentam os caracteres da raça. Não se deve fazer cobrir cada feméa mais de 3 vezes por ano. As criações devem fazer-se em sitios quentes ou



abrigados dos ventos frios e da chuva e da humidade, sempre em gaiolas espaçosas. O coelho belga, cruzado com os nossos coelhos domesticos, dá magnificos produtos. A sua criação, como raça pura, só poderá interessar nas explorações industriais para fornecimento de coelhos melhoradores.

16. BORBOLETA (5)

a) *Origem* — Parece ser de origem inglesa, obtido ou por selecção do coelho comum, ou pelo cruzamento de coelhos malhados com o gigante de Flandres. E' uma raça muito robusta e excelente para carne, que vive muito bem em Portugal.

b) *Padrão* — Corpolencia média; cabeça bem proporcionada com olhos grandes castanho acinzentados, e orelhas negras elegantes, levantadas e direitas; pêlo curto e abundante. A pelagem deve ter um fundo branco puro sobre o qual se dispõem com a maior regularidade malhas de contornos muito nitidos; olhos circundados por dois discos negros em forma de lentes, tendo por baixo uma malha pequena; sobre o focinho uma malha com a grosseira configuração duma borboleta que deu o nome á raça; os flancos apresentam pequenas manchas agrupadas simetricamente sem se confundir ou sobrepôr. A todo o comprimento do dorso e sobre a espinha estende-se uma lista negra cujos contornos são em forma de espinha de peixe e que ao pé das orelhas e proximo da cauda deve ter uma largura de 0^m,06 e na parte média 0^m,09. O peso regula por 3,5 quilogramas.

(5) Esp. *conejo mariposa*; fr. *lapin papillon*; it. *papiglione inglese*, p. *francese*, *coniglio egiziano* e c. *di Tauzac*; ing. *butterfly rabbit*.

c) *Variedades* — Além do tipo inglês, existem outros, tais como o francês, o gigante de Lorena e o gigante americano. No primeiro desenvolveu-se o volume do corpo, sem a preocupação da localização e distribuição das malhas características; pesam entre 4 a 6 quilogramas; cabeça bem conformada, com ore-



Fig. 7 — Borboleta

lhas negras, levantadas, grossas e de comprimento médio; olhos cercados de negro; patas fortes; pêlo fino, sedoso e brilhante; pelagem de côr branca pura, com malhas características e uma lista dorsal. Deste tipo há variedades com malhas pretas, cinzentas, azues e amarelas. O gigante de Lorena, também chamado *borboleta alemã*, por ter sido obtido na Lorena, quando ainda pertencia á Alemanha, tem muito sangue gigante de Flandres, e, por isso, atinge, ás vezes, 9 quilos de peso. O gigante americano foi apurado no mesmo sentido das raças anteriores, sem preocupação da distribuição e côr das malhas, mas tendo em vista a precocidade e sabor da carne; atinge, aos seis meses, 5 quilos.

c) *Desclassificações* — Peso superior a 4 quilogramas; cabeça grande ou muito pequena; olhos pequenos ou mal corados; orelhas pendentes ou mal inseridas; má localização ou má conformação das malhas.

d) *Escala de pontuação* — Malha do focinho (borboleta), 15; círculos dos olhos, 8; linha circulante do olho bem destacada do círculo, 6; olhos limpos e salientes, 3; orelhas lisas, de côr uniforme e não mais compridas do que dez centímetros, 5; lista dorsal inteira e em forma de espinha de peixe, 10; malhas dos flancos pequenas e pouco distantes entre si, não chegando a tocar a lista dorsal, 12; malhas que vão desde a parte lateral do pescoço ao centro do costado tão iguais em numero e forma, nos dois lados, quando seja possível, 12; uma malha bem delimitada em cada uma das patas dianteiras, 6; idem nas trazeiras, 2; seis manchas no abdômem, 6; côr, 5; forma e tamanho, 5; estado geral, pelagem sem pregas, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Como se vê, a criação dos coelhos borboletas tipo inglês é subordinada á preocupação de seleccionar um tipo de coelho médio no qual o numero e a colocação das malhas tem uma importancia capital; no francês a disposição e o numero de malhas não tem tanta importancia, havendo especialmente o desejo de manter um tipo mais pratico embora uniforme em conformação, em peso e em rendimento de carne. As fêmeas da raça borboleta são muito fecundas, tendo partos de 6 a 8 laparos, normalmente. Não devem ser cobertas antes dos 8 meses e devem preferir-se para as criações o inverno e a primavera.

São animais muito precoces e que, por isso, se não devem manter juntos os de sexo diferente, depois dos 3 meses.

17. JAPONÊS (6)

a) *Origem* — Apesar do nome, a sua origem não é japonesa. Crê-se que esta raça provém duma varie-

(6) Também chamado *tricolor*.

dade do holandês de grande talhe, ou do coelho comum, fixada pela selecção continua, desde 1887, época em que principiaram a aparecer em exposições. Não é das melhores raças de carne e pode considerar-se uma má raça produtiva de peles, pois estas, tendo três côres repartidas por zonas, são pouco procuradas em pelataria visto servirem mal, quer para a curtimenta, quer para o fabrico de feltros.

b) *Padrão* — Corpo bem conformado, um tanto alongado; cabeça fina e alongada com olhos grandes, bem salientes e vivos e orelhas de comprimento médio (0^m,09), um tanto estreitas, direitas, geralmente unidas uma á outra, ou ligeiramente afastadas; esqueleto fino, bem revestido de musculos; pescoço sem papada; garupa arredondada; patas pequenas e finas; peso oscilando entre 2,5 e 3 quilogramas; pêlo fino, curto, macio e luzidio. A pelagem é a principal característica da raça, tendo três côres: amarela, negra e laranja, repartidas por zonas bem delimitadas e o mais iguais possivel; não deve ter nenhum pêlo ou mancha branca ou de qualquer outra côr; as côres amarela e laranja podem ser mais ou menos distribuidas por todo o corpo, mas a negra deve limitar-se á sua zona e á parte da cabeça que está dividida a meio, nitidamente, em duas partes, sendo uma negro brilhante e a outra amarela ou laranja; a orelha correspondente á metade negra é laranja ou amarelo, e a correspondente á outra metade é negra; o dorso é zebraado em duas ou três listas transversais, o mais negras possivel, separadas por pêlos laranja ou amarelos, e também sem mistura de pêlos negros.

c) *Desclasificações* — Grande tamanho; orelhas excedendo dez centímetros de comprimento, peso inferior a 3,5 quilogramas; malhas; pêlos brancos; ventre branco, malhas mal delimitadas ou mal colocadas.

d) *Escala de pontuação* — Côr geral, 30; malhas na cabeça, 25; zebruras, 25; tipo, 15; condições gerais, 5. Total, 100.

e) *Criação* — São coelhos vigorosos, e faceis de criar. As fêmeas são prolíficas e boas leiteiras, dando 6 a 10 filhos por ninhada, que criam com facilidade.

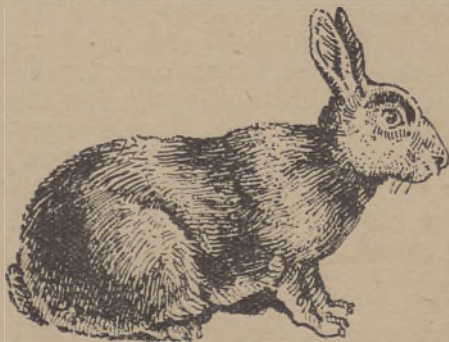


Fig. 8 — Japonês

Três dias depois do parto pode inspeccionar-se o ninho para se retirarem os laparos mal zebrados, pois já então se conhecem as zebruras, sendo-se, em especial, rigoroso com os machos; aparecem sempre laparos de côr uniforme, cinzento, branco, fulvo e ás vezes negro. Aos três meses devem separar-se os machos pois são muito brigões.

18. HOLANDÊS (7)

a) *Origem* — E' a raça mais anã, dentro da espécie, possuindo individuos adultos com o peso de 600 gramas, e não ultrapassando nunca, os bons exemplares,

(7) Fr. *lapin hollandais*; ing. *dutch rabbit*; al. *hollandische kaninchen*.

2,5 quilogramas em qualquer idade. Apesar de ser uma raça de limitada utilidade pratica, os belgas, os ingleses, os franceses e os holandeses têm disputado a gloria de terem contribuido para a sua criação. Parece porém provada a origem francesa; a selecção inglesa levou a raça a ter um esqueleto muito leve mas bem revestido de musculos, dentro do tipo anão.

b) *Padrão* — Corpo de pequena estatura, curto e formas arredondadas; inclinação para trás; olhos vivos e da côr das malhas da pelagem; pescoço forte sem papada; pernas pequenas e muito finas; pêlo curto para que as côres se delimitem bem; a pelagem apresenta sempre duas côres, uma a branca, a outra variavel (preta, azul, concha de tartaruga, cinzento, amarelo, havana, etc.), e cuja posição deve ser invariavel nos animais selectos: a côr branca distribui-se pelo focinho, subindo, em lista aberta, pelo chanfro e até á linha das orelhas, pelo peito e espaduas, pelas patas dianteiras e extremidade das trazeiras, a partir da articulação do tarso; as malhas da outra côr localizam-se nas orelhas, faces e parte posterior do corpo. A parte branca que rodeia o pescoço chama-se *colar*, e deve principiar logo atrás da espadua, descendo verticalmente e contornando o corpo; a linha de separação das côres deve ser muito nitida.

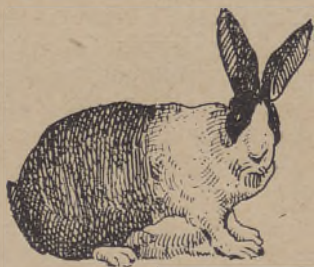


Fig. 9 — Holandês

c) *Desclassificações* — Formas ossudas ou ponteagudas, olhos vitreos ou zarcos, isentos de coloração ou com côr diferente da do pêlo; peso superior a 2,5 quilogramas; pêlo comprido; pêlos ou manchas bran-

cas nas partes de côr, ou manchas de côr nas partes brancas; lista e colar sem as dimensões; côr branco sujo.

d) *Ecalas de pontuações* — Lista, 20; colar, 30; marca das patas, 20; orelhas, 25; côr, 10; tipo, 5; estado geral, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Os coelhos holandeses são faceis de criar, comem pouco e têm uma carne muito apreciada. As fêmeas são excelentes mães consideradas por muitos cuniculicutores como optimas madrastras; parem normalmente 7 a 9 laparos, podendo chegar a 15. É a raça mais prolifera que se conhece.

Costumam a casalar-se na idade dos seis meses. Dois dias depois do parto o cuniculicutor, após esfregar as mãos com qualquer planta aromatica (hortelã, salsa, rosmaninho, etc.), que no dia do parto deve logo pôr na coelheira (e isto para que as coelhas não engeitem os filhos ao cheirar-lhes a mão do homem), visitará os ninhos e retirará todos os laparos cujas malhas não sejam bem distribuidas. Para que a escolha e repartição se possa realizar em melhores condições, convém fazer cobrir no mesmo dia pelo menos 3 coelhas. Esta raça, dos países do Norte, cria-se melhor ao ar livre e em lugares frescos, pois suporta mal o calor; para se lhe manter a fraca corpolencia é preciso não lhes dar muito comer e reproduzi-los o mais possível em consaguinidade substituindo os machos sómente em caso de começarem a morrer muitos laparos.

19. BRABANTE (8)

a) *Origem* — Esta raça foi obtida pela selecção do coelho comum do norte de Brabante (Belgica), que

(8) Na Belgica distinguem-se algumas variedades locais, como sejam a *Beverin*, *Binche Merchten* e *Wachtebeke*.

é muito rustico, prolifico e sobrio, produzindo em pouco tempo e com fraco dispendio magnifica carne. Tem, portanto, a mesma origem que a holandesa, da qual se distingue apenas porque esta tem sido orientada num sentido despotico obedecendo os criadores cégamente á boa colocação e dimensões das malhas, ao passo que na raça do Brabante as criações se fazem num sentido pratico, procurando aperfeiçoar as qualidades inatas do coelho comum do Brabante, de maneira a produzir a maior porção de carne, com o minimo de despesa de tempo e de cuidados.

b) *Padrão* — As características morfológicas desta raça não estão ainda bem fixadas. Como raça de carne, a conformação deve ser tal que o peso liquido da carne seja o maior possivel em proporção ao volume e ao peso bruto, o que equivale a dizer que deve ter formas maciças e esqueleto fino. A cabeça terá a conformação descrita no holandês. O pêlo é objecto de grande exigencia, mas a pelagem deve ser de côr uniforme, sêgundo as variedades, tendo uma lista branca, que tem a sua origem entre as duas orelhas, e, descendo, chega á ponta do focinho um colar branco, que contorna o pescoço e vai até á frente dos membros anteriores, as pontas dos pés, membros posteriores e das orelhas brancas.

c) *Variedades* — Negra, fulva, cinzento ardosia ou azul.

d) *Desclassificações* — Fraco rendimento em carne, animais angulosos, côr das malhas e do manto mal definidas, colar e malhas mal conformadas, malhas anormais, orelhas pendentes ou curtas.

e) *Escala de pontuação* — Malha da cabeça, 15; colar, 25; ponta das patas posteriores brancas, 15; côr branca do colar, 15; côr geral, 5; orelhas, 10; olhos, 5; aspecto geral, 10. Total, 100.

f) *Criação* — A criação do coelho do Brabante é das mais simples, graças á sua rusticidade e fecundidade. As femeas podem ser cobertas aos 7 meses, não devendo, porém, os machos cobrir antes do ano. São animais que podem viver em parques ou no regime celular, indiferentemente, e que se prestam optimamente á engorda intensiva. O seu cruzamento com o gigante de Flandres dá um tipo muito parecido.

CAPITULO III

RAÇAS EXPLORADAS PELA PELE

20. NEGRO E FOGO (9)

a) *Origem* — Raça criada, em 1887, por M. Cox, contando hoje em Inglaterra dois tipos: um pequeno, ou de Brailsford, outro grande, ou de Cheltenham.

É das raças consideradas de pele a menos aproveitada tendo uma carne, embora saborosa, um tanto fibrosa. O maior encanto na criação destes coelhos é a sua grande docilidade, principalmente manifestada nos machos, que chegam a andar por casa em liberdade e vir comer á mão.

b) *Padrão* — Corpo de forma esbelta e elegante, mas curta; cabeça de dimensões medias; orelhas pequenas, finas, levantadas, muito direitas, juntas e

(9) Fr. *noir et feu* ou *brun noir*; ing. *the black and tan*; al. *schwarzbraune*.

firmes; olhos aflorando bem e de côr pardo escuro; pêlo curto, sedoso e muito unido ao corpo; pelagem de duas côres, o negro e o fogo, ambas muito puras e brilhantes, sem mistura de tons, corando todo o pêlo desde a base ao extremo e não apenas superficialmente; a côr negra cobre o dorso, as faces, as partes superiores da cabeça, as orelhas, a garupa e a parte inferior das patas dianteiras e inferior da cauda; os costados e as partes laterais dos quartos traseiros são igualmente negros mas salpicados de numerosos pêlos côr de fogo; as asas do nariz, o bordo das maxilas e das orelhas, o peito, o ventre, os flancos, a



Fig. 10 — Negro e fogo

parte interna das patas trazeiras e a inferior da cauda são côr de fogo sem nenhum pêlo negro; sôbre o pescoço, atrás das orelhas, ha uma mancha triangular muito larga na base que desce a confundir-se com o collar ou gravata,

também côr de fogo, e se estende, em ponta muito afilada, até aos lombos, e a que se chama o *triangulo*, que deve ver-se parcialmente de frente, mesmo que o coelho tenha a cabeça levantada; na base das orelhas deve haver duas pintas côr de fogo do tamanho de ervilhas; o peso varia entre 1,5 a 2 quilogramas.

c) *Variedades* — *Havana e fogo, prateado e fogo e azul e fogo*, nas quais a côr negra é substituida, respectivamente, pelas côres havana, prateada ou azul.

d) *Desclassificações* — Peso inferior a 2,250 quilogramas, má conformação do corpo, má indole, má

repartição das côres, mistura de pêlos brancos, côr de fogo muito palida, mancha branca sobre as patas dianteiras.

e) *Escala de pontuação* — Forma do corpo, cabeça e patas, 10; forma das orelhas, 5; olhos, peso e pêlo, 5 cada um, 15; pureza da côr negra, 10; pureza da côr fogo, 15; marca do triangulo, 5; côr das patas dianteiras, 5; côr das patas traseiras, 10; côr do peito, flancos e ventre, 10; côr das asas do nariz e em redor dos olhos, 5; côr das orelhas, 5; apparencia geral, 5. Total 100.

f) *Criação* — Reproduzem-se muito, mas ha uma grande dificuldade em manter o padrão da raça, principalmente sob a acção do sol portuguez, que destinge a côr de fogo e a transforma em cinzento ou pardo avermelhado. As femeas, que são excellentes mães, depois do quinto parto deminuem muito a sua fecundidade, sendo por isso conveniente não as cansar, limitando a três as ninhadas em cada ano e não deixando em cada uma mais de cinco filhos. As femeas de exposição não devem ser cobertas, tendo-se tambem reconhecido ser perigoso cobrir as outras durante a muda (Agosto a Janeiro). Os acasalamentos fazem-se em estreita consaguinidade, para conservar o peso reduzido, e nunca antes dos oito meses de idade. Os laparos nascidos em Janeiro ou Fevereiro são os melhores. Os machos imprimem melhor os caracteres da pelagem do que as femeas, podendo os bons raçadores manter-se até aos seis anos.

Alguns dias depois do parto, devemos visitar os ninhos para se retirarem desde logo os coelhos de côr uniforme, deixando apenas aqueles que têm os tons negro e fogo, prateado e fogo, ou azul e fogo, até á primeira muda, visto que os primeiros nem mesmo depois da muda adquirirão os caracteres da raça,

o que não acontece com os segundos, que muitas vezes só depois da primeira muda fixam a pelagem.

Esta raça teme muito a humidade, o frio ou correntes de ar e é muito sujeita á coriza, devendo criar-se em lugares quentes mas pouco iluminados, pois, como já dissemos, o sol prejudica a pelagem.

21. RUSSO (10)

a) *Origem* — Segundo uns autores, é oriundo da China, espalhando-se pela Europa através da Russia, Polónia, Alemanha e França; segundo outros, provém da cordilheira do Imalaia, onde, de resto, nenhum investigador ainda o encontrou. Era esta a raça escolhida pelos chineses para sacrificar aos seus deuses como simbolo de abundancia. A sua carne é delicadissima e a que mais se assemelha ao coelho bravo.

A pele imita a do arminho e como tal serve na industria de pelaria. Tem dois tipos ou variedades: o grande e o pequeno, podendo dizer-se que o primeiro se cria com o duplo fim de carne e peles, e o segundo principalmente como produtor de carne.

b) *Padrão* — Corpo de formas roliças, ou não angulosas, curto e atarracado no tipo pequeno, e comprido no tipo grande; cabeça estreita e alongada no tipo grande, e pequena, larga e achatada no tipo pequeno; em ambas as variedades o macho tem a cabeça mais pequena e mais arredondada do que a fema; as orelhas são curtas, ponteagudas, rectas e muito unidas; os olhos são redondos, salientes e duma côr difficil de precisar, entre rubi e rosa, vivos e brilhantes.

(10) Ing. *coelho do Imalaia* ou *de Windsor*; fr. e al. *coelho russo*; pol. imprópriamente *coelho polaco*; rus. *coelho de Moscou*. Alguns autores denominam-o ainda *coelho da Siberia*, *branco da China*, *africano de Anvers*, *egípcio*, etc.

tes; as patas de diante são longas e finas, e as posteriores robustas, um tanto longas mas bem proporcionadas. O pêlo é curto, fino, luzidio e muito macio. A pelagem é de côr branca, com o focinho, orelhas e a extremidade das patas e do rabo negras, devendo estas ultimas manchas ter os bordos muito nitidos; as das orelhas vir mesmo até á base; a do focinho ser redonda, grande e não chegar á altura dos olhos; as das patas ser iguais a todas elas, não ultrapassando a primeira articulação; o peso é variavel: até 1,5 quilogramas na variedade pequena, e para cima de 3 quilogramas no tipo grande; entre estes dois limites ficam os tipos intermedios.

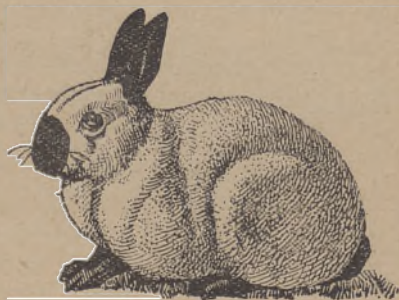


Fig. 11 — Russo

c) *Desclassificações* — Peso não em harmonia com o tipo; configuração fora da inscrita no padrão da raça; côr dos olhos, das manchas ou dimensões destas, diferente do tipo na raça. Ha uma certa tolerancia para a coloração das manchas das patas traseiras, que ás vezes são descoradas pelas emanções amoniaicais da urina.

d) *Escala de pontuação* — Côr branca do pêlo, 5; malha do focinho, 15; malhas das orelhas, 10; malhas das patas dianteiras, 15; malhas das patas traseiras e cauda, 15; conformação geral, 5; olhos, 5; peso, 10; estado geral, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Durante muitos anos esta raça foi ape-

nas considerada como de luxo ou de desporto, isto é, sem utilidade pratica. Hoje, melhor estudadas as suas qualidades, ou porque esteja mais adaptada, quasi todos os cunilcultores a consideram como magnifica produtora de peles e de carne, apontando-a como uma das melhores raças mixtas. É muito precoce e rustica.

O coelho russo é tambem facil de criar como galanteria, nas pequenas coelheiras domesticas, vivendo muito bem em regime celular: são doceis, afeiçoando-se, facilmente, aos donos; as femeas são muito fecundas, tendo facilmente 8 e 10 filhos, e 5 ou 6 partos por ano. Quando se pretendem animais de exposição com a côr das manchas bem negras, devem instalar-se as coelheiras em local sombrio, pois o sol ou a luz muito intensa debotam o pêlo negro e dão ao branco um tom amarelado.

As femeas não devem ser acasaladas antes da idade dos oito meses, e os machos antes do ano. Os filhos nascem sem pêlo e a pele tem uma coloração rosada. Aos quatro ou oito dias, segundo o calor da estação, começam a apresentar uma pelagem branca, cinzento-perola, ou negra; a côr branca é a preferida; as outras côres não são motivo de rejeição porque se atenuam na primeira e desaparecem ás vezes completamente na segunda. Aos vinte dias de idade começa a perceber-se um sombreado no local das malhas, que se vai acentuando com a idade. Aos cinco ou seis meses têm as malhas negras a sua maxima intensidade.

Em algumas tapadas de criação em França, tem-se ensaiado a cruza destes coelhos com o coelho bravo com bons resultados. Tambem é muito util o seu cruzamento com o coelho comum, para aumentar a fecundidade e a rusticidade nos produtores.

22. ALASKA

a) *Oriegm* — O nome, imprópriamente dada a esta raça, faz supôr que é originária da America do Norte.

Alguns cunicultores têm proposto o de *Russos negros*, mais apropriado porque, é fóra de duvida, esta raça provém da multiplicação duma accidental mutação, aparecida nos russos, com os quais se cruza com a maior facilidade e sem prejuizo dos caracteres etnicos reciprocos.

São magnificos coelhos de carne e peles, estas muito apreciadas para curtimenta, e aquela fina, de sabor delicado e muito branca.

b) *Padrão* — Corporencia média, curta e arredondada; esqueleto ligeiro; cabeça como a do russo grande; orelhas direitas, mas pequenas; olhos castanho escuro, muito vivos; unhas pardo escuro; pêlo curto, fino, suave e brilhante, principiando cinzento em contacto com a pele para ir escurecendo em todo o comprimento, chegando gradualmente a negro mate e negro intenso; pelagem toda negra, sendo mate ou sem brilho na parte inferior e brilhante na parte superior; peso 2 a 3 quilogramas.



Fig. 12 — Alaska

c) *Desclassificações* — Tons de pelagem arroxeados, pêlos brancos, unhas brancas.

d) *Escala de pontuações* — Côr superficial, 30; côr do pêlo, 20; pêlo, 15; peso, 10; orelhas, 5; olhos, 5; unhas, 5; estado geral, 10. Total, 100.

e) *Criação* — Identica á do coelho russo, já descrito.

23. POLACO

a) *Origem* — Esta raça não é originaria da Polonia, como o seu nome podera indicar; é uma raça obtida

em Inglaterra, parece que aproveitando alguns casos de albinismo do coelho russo (11) ou do holandês. Produzem uma carne excelente, saborosa e tenra, embora em pequena quantidade. As peles curtidas têm grande valor não só por imitarem bem o arminho, mas por se tingirem facilmente em qualquer côr.

b) *Padrão* — Excepto o holandês, é a raça mais pequena que se conhece. O corpo é pequeno, com o dorso arqueado, o quarto posterior um pouco mais amplo que o anterior e a garupa larga e bem arredondada; pescoço curto; membros anteriores finos e delicados, de comprimento médio, e posteriores compridos; a cabeça curta, grossa, de focinho arredondado, com olhos pequenos, côr de rosa mais palido; orelhas pequenas, curtas e levantadas, muito largas na base e ponteadas, abertas em V, leves e transparentes, recobertas por pêlo muito curto na face externa e rosadas e sem pêlo interiormente e nos bordos; pêlo muito curto, fino e brilhante; pelagem branca, puríssima, em todo o corpo; peso entre 1^{kg},500 a 1^{kg},600.

c) *Desclassificações* — Peso superior a 1^{kg},500; existência de papada; patas torcidas; manchas na pelagem, ou côr creme, amarelada ou acinzentada.

d) *Escala de pontuações* — Tipo, 20; orelhas, 10; pêlo, 10; olhos, 10; peso, 15; côr, 25; estado geral, 10. Total, 100.

e) *Criação* — É uma raça muito delicada, devendo sempre escolher-se para reprodução os indivíduos mais robustos, dentro do peso padrão. Fecundidade quasi tão grande como a da raça holandesa, parindo de 6 a

(11) Diffloth afirma que não podem provir dos coelhos russos.

9 filhos por barriga. Como são animais muito medrosos e nervosos, é indispensavel deixar as femeas durante a gestação na maior tranquilidade, para evitarmos abortos. As coelhas desta raça são optimas mães, criando os filhos com o maior disvelo; muitos cuniculicultores não as dispensam nas suas coelheiras, fazendo-as cobrir ao mesmo tempo em que são cobertas as femeas das raças que exploram, para utilizar as polacas como madrastas ou amas. Os laparos nascem alguns, côr de rosa, cobrindo-se a pouco e pouco de pêlo branco. Não deve abusar-se do numero de partos, ou de laparos deixados, para não enfraquecer as coelhas.

A criação do coelho polaco obriga a bastantes cuidados, pois temem muito o frio ou o calor excessivo, e são muito atreitos á diarreia quando a alimentação é demasiado aquosa. Esta raça, que antigamente era muito estimada, está hoje mais abandonada por causa da semelhança que existe entre ela e os casos normais de albinismo que aparecem nas nossas coelheiras.

24. BRANCO DE BOUSCAT

a) *Origem* — Raça apurada por M.^{mo} Dulon em 1906, á custa de muitos cruzamentos entre o Angorá branco, prateado de Campagne e gigante de Flandres, e com o fim de obter uma pele boa para fabrico de abafos e guarnições de vestidos que podesse empregar-se em natureza. A carne é de primeira qualidade.

b) *Padrão* — Grande corpolencia, mas harmonico de formas; cabeça grossa, redonda e acarneirada, mais comprida na femea; orelhas espessas, longas, abertas em V; olhos côr de rosa; papada ausente no macho e tolerada na femea; patas de tamanho e robustez média e muito encabeladas entre os dedos; pêlo de comprimento entre o vulgar e o Angora, muito fino, ma-

cio e sedoso; pelagem de côr branca imaculada, com reflexos prateados.

c) *Desclassificações* — Corpo pequeno ou estreito; cabeça muito fina; orelhas tombadas ou atravessadas; papada muito pronunciada; olhos de côr diferente da rosa; unhas que não sejam brancas; pêlo aspero ou lanoso; côr amarelada ou acinzentada; peso inferior a 5 quilogramas.

d) *Escala de pontuação* — Corpolencia, 10; porte das orelhas, 20; pêlo, 15; peso, 40; côr branca de neve imaculada, 15. Total, 100.

e) *Criação* — É um coelho facil de criar, muito rustico, e pouco exigente na distribuição da comida, bastando tratá-los copiosamente uma vez por dia. Desenvolve-se rápidamente até aos 3 meses; nessa idade há uma paragem no crescimento e depois de novo o crescimento continua até atigirem o peso de 5 a 7 quilogramas no estado adulto. Devem criar-se em gaiolas grandes, ao abrigo da luz intensa que lhe mancha a pelagem. A selecção dos reprodutores inicia-se aos 3 meses, separando também nessa idade os machos das femeas e castrando ou sacrificando os que se não reservem para a procriação. As femeas podem ser cobertas, pela primeira vez, entre os 6 e 8 meses, e depois quando tenham um ano. São prolificas, dando 4 ou 5 ninhadas anuais de 6 laparos em média. Podem conservar-se os reprodutores até aos 3 ou 4 anos, devendo depois sacrificar-se.

25. BRANCO DA VENDÉA

a) *Origem* — Provém duma mutação branca de coelhos azul de Beveren, fixada por M.^{me} Donillard, tendo recebido o nome de Venda, por nela viver a

criadora. É uma das melhores raças de pele e de carne, imitando a pele a raposa branca e o arminho.

b) *Padrão* — Corpo alongado, robusto, sem ser maciço, de garupa arredondada mas sem apresentar a forma *mandoline* do azul de Beveren; cabeça forte, comprida e ligeiramente acarneirada; olhos grandes e rosados; orelhas muito longas, bem implantadas, com a extremidade levemente ponteaguda; papada tolerada na fêmea, sendo pequena; patas médias e apuradas; unhas brancas; cauda direita; pêlo meio longo, brilhante e todo branco puro; peso médio 4 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Cabeça muito grande; orelhas tombadas ou mal implantadas; patas e cauda torcidas; côr diferente do branco puro.

d) *Escala de pontuação* — Aparência geral e côr, 30; pêlo, 20; peso, 15; orelhas, 15; olhos, 5; condições gerais, 15. Total, 100.

e) *Criação* — São animais muito rusticos, mansos e prolificos. As fêmeas são fecundas e boas mães, não devendo ser cobertas antes dos 7 ou 8 meses e parindo 5 a 6 laparos. Aos três meses podem atingir 2^{kg},5, se deixarmos á mãe apenas 2 ou 3 laparos, e aos 7 ou 8, se esta idade cáir no periodo que vai de Novembro a Abril e depois da muda, podem sacrificar-se para peles. Podem criar-se em jaulas grandes ou em coelheiras amplas, mas num e noutro caso situados em lugares pouco iluminados para a pele se poder manter branco muito puro.

É conveniente manter os reprodutores um pouco magros para lhes aumentarmos a fecundidade. Esta raça cruza-se muito bem com os nossos coelhos vulgares, aumentando-lhes muito a corpolencia e a finura da carne.

a) *Origem* — Raça criada por M.^{me} Bernhard, em França, parece que á custa do gigante de Flandres, ou do borboleta. É um bom coelho para pelaria e para carne.

b) *Padrão* — Corporencia grande, alongado (0^m,75 em média), dorso ligeiramente arredondado; cabeça larga e curta no macho e fina na femea; olhos negros grandes e muito vivos; sobrançelhas negras; orelhas em V, puxadas para a frente, com as extremidades em ponta; papada apenas admissivel na femea; garupa arredondada no sentido do comprimento; patas bem apumadas, as dianteiras finas e as trazeiras longas e fortes; unhas negras e cauda de tamanho médio e bem unida ao corpo; pêlo muito fino, espesso e brilhante; pelagem de brancura imaculada; peso dos reprodutores entre 4 e 5 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Orelhas pendentes; olhos de côr diferente do negro; sobrançelhas brancas; unhas brancas; pelagem com pêlos córados; papada no macho.

d) *Escala de pontuação* — Aparencia geral e forma, 10; orelhas, 5; cabeça e papada, 5; olhos, 20; sobrançelhas, 15; pêlo, 15; garupa, 10; cauda, 5; patas e unhas, 10; peso, 5. Total, 100.

e) *Criação* — É raça facil de criar, rustica. As femeas são prolificas, parindo por ninhada 7 a 10 filhos, dos quais se devem conservar apenas 4 se quisermos dar-lhes o maior desenvolvimento; os outros, quando bem conformados, podem entregar-se ao cuidado de amas. As peles atingem o maior valor dos 8 aos 12 meses. Os reprodutores só devem manter-se até aos quatro anos.

a) *Origem* — É desconhecida, tendo-lhe sido atribuída a Índia, a China, o Sião, etc., sem fundamentos serios. Alguns autores franceses afirmam que desde tempos imemoriais se criam nos arredores de Troyes sob o nome de *riches*. É uma raça cultivada especialmente por produzir magníficas peles de abafo, que emitam o *petit-gris* e o *chinchilla*, tendo, no entanto, uma carne excelente, dura e saborosa que também merece exploração.

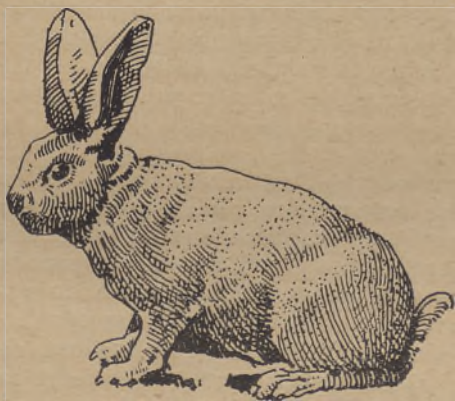


Fig. 13 — Prateado de Champagne

b) *Padrão* — Corpo comprido, mas não em demasia, arredondado, bem provido de carnes, de espádua um tanto baixa e garupa um tanto alta; cabeça grossa e arredondada, com olhos vivos de côr pardo vivo e

(12) Fr. *argenté gris*; ing. *silver-grey*; al. *silbergrane*. A raça de coelhos de Santo Umberto foi obtida pelo cruzamento prateado de Champagne com o gigante belga e depois com o coelho de garenne e com o gigante de Flandres.

orelhas curtas, estreitas, levantadas, ponteagudas e sempre aproximadas; pescoço curto e forte; dorso ligeiramente arqueado; garupa arredondada; membros médios e patas grossas com unhas negras; pêlos muito abundantes, macios, finos e curtos, de dois comprimentos; uns mais curtos e mais finos, formando a *anafaiá* ou *barra*, côr de rosa palido do lado da pele e azul ardozia escuro na ponta, outros mais compridos, chamados *churdos*, com a mesma côr até á altura em que os ultrapassam, mantendo depois alguns a mesma côr e tendo outros as extremidades negras ou brancas. É a maior ou menor percentagem destes pêlos com extremidade negra ou branca que dá á pelagem um tom mais escuro ou mais claro. A côr, qualquer que seja a tonalidade, deve ser igual em todas as partes do corpo; pêso entre 3 e 5 quilogramas (Fig. 13).

c) *Varietades* — *Amarelo prateado* ou *creme prateado*, variedade recente, obtida em Inglaterra, com o pêlo com reflexos amarelo dourado, olhos côr de rosa; *cinzento-prateado* ou *café-prateado*, também de origem inglesa e proveniente da cruzada do prateado de Champagne com o coelho belga; *azul prateado*, variedade mais rara, ainda de origem inglesa, com o pêlo com reflexos uniformes azues, ardozia em todo o corpo. Dentro destas variedades, há dois tipos, um francês e outro inglês, sendo este ultimo de côr mais carregada, e tendo o peso médio de 3 a 4 quilogramas, ao passo que o tipo francês chega a 5 quilogramas.

d) *Desclassificações* — Formas muito angulosas, peso inferior a 3 quilogramas nos animais adultos, côr não uniforme em todas as partes do corpo, peito mais claro, malhas brancas, unhas cinzentas ou claras, patas torcidas, orelhas longas ou pendentes, olhos claros, pêlo lanoso ou com excesso de pêlos *churdos* ou regiões desnudadas.

e) *Escala de pontuação* — Côr da pelagem, dentro do tipo, 20; uniformidade geral da côr, 30; tipo, 10; pêlo, 5; orelhas, 5; olhos, 5; peso, 20; estado geral, 5. Total, 100.


f) *Criação* — Coelhos robustos, embora não muito rusticos e pouco sociaveis. Devem criar-se em lugares frescos e isolados, sem grande luminosidade, pois esta tira a boa côr á pele.

Parece a alguns autores que para se manterem as características da raça convém reproduzir em grande consaguinidade; outros, como Diffloth, aconselham evitá-la. As femeas parem entre 5 e 7 filhos por barriga, exigindo uma grande tranquilidade para os poder criar. Os laparos nascem nus, com a pele côr azul ardosa, revestindo-se em poucos dias com um pêlo negro intenso, que na idade de um a dois meses, segundo o clima, começa a pratear-se ou acinzentar-se, primeiro pelo ventre e flancos, depois pelo dorso e restantes partes do corpo. Aos seis meses, depois da segunda muda, a côr prateada deve ser geral em todo o corpo. Alguns cuniculicultores praticos afirmam que para obter animais com maior peso, é preferivel dar um macho de tamanho médio a uma femea grande a fazer o inverso. Não se devem unir reprodutores de pelagem demasiado clara porque então se chegaria fácilmente ao branco. As femeas só devem cobrir-se aos dez meses. É preferivel unir femeas de ano com machos de dois anos. Cada coelha não deve ter mais que 2 a 4 partos por ano, e não deve criar em cada um mais de 5 laparos, escolhidos entre os completamente negros e sem manchas rosadas nas extremidades; os outros devem matar-se ou dar-se a amas. Não devem desmamar-se antes das 7 semanas para lhes provocarmos o maximo desenvolvimento. Podem considerar-se, aos seis meses, como possuidores de boa pele. Os machos podem cobrir até aos 4 anos.

a) *Origem* — Foi obtido por Dubowski, tendo aparecido pela primeira vez em exposições em 1913, generalizando-se rapidamente. Provém do russo, do Beveren e do garenne. Pode considerar-se uma boa raça de peles e de carne; as peles imitam o opussum e o chinchila lanoso do Peru, antigamente muito empregados na confecção de abafos, e hoje quasi extintos em consequencia da perseguição que os caçadores lhe fizeram. Podem empregar-se em natureza, ou depois de curtidas.

b) *Padrão* — Forma harmoniosa, lembrando um tanto a do coelho de garena, e pela corpolencia, o negro e fogo; cabeça



Fig. 14 — Chinchilla 

pequena, com orelhas erguidas, forradas exteriormente por pêlo cinzento avermelhado, finalmente orlado de negro na parte superior, internamente sem pêlos e de côr azul palido; olhos grandes e de côr cinzento escuro; pêlo compacto, macio e de côr cinzento escuro na base e negro

e branco na extremidade; pelagem azul acinzentada, uniforme em todo o dorso e flancos, com o ventre, os pés e sobre a nuca um pouco mais claro; o rabo, na face superior, é negro ponteadado de branco, e na face inferior, branco, formando esta côr uma ligeira bordadura quando a cauda está unida; peso médio 2^{kg},500.

c) *Variedades* — A rápida difusão desta raça levou os ingleses e americanos a produzirem uma raça que corespondesse ás exigencias dos peleiros dos seus países, que preferem as peles grandes e daí o apparecerem *Chinchilas gigantes*. Alguns criadores, os peleiros e curtidores da Europa, preferem o prototipo inicial ao qual attribuem uma melhor qualidade de pelagem. A tabela que adoptamos refere-se a este tipo.

d) *Desclassificações* — Peso abaixo de 2 quilogramas ou acima de 3 quilogramas; orelhas pendentes, olhos vermelhos, pêlo e pelagem mal córados, ou com manchas ou malhas.

e) *Escala de pontuação* — Côr, 50; forma, 10; orelhas, 10; marca na nuca, 15; olhos, 5; condições gerais, 10. Total, 100.

f) *Criação* — É uma raça que tem bom futuro em Portugal e merece expansão. Os animais que a constituem são precoces, muito prolificos, dando ninhadas de 6 a 8 laparos; degeneram pouco. Os laparos nascem com a côr dos progenitores. Para que os pêlos tenham todo o seu valor em pelataria, devem ser criados em celulas ou jaulas, ao abrigo da luz intensa.

Aos dois meses devemos iniciar a selecção, pois já a pele tem a sua tonalidade definitiva; eliminam-se então os que tenham a pele demasiado escura ou clara, manchada ou amarelada. Alguns criadores costumam reservar um coelho mais claro e outro mais escuro do que o normal, para os acasalarem com as femeas que tenham defeito inverso a fim de se obter filhos com um tom intermedio que é o requerido. Outros, porém, afirmam que isso é desnecessario, e que basta possuir um coelho bom raçador, pois é o pai quem imprime os caracteres á pele.

Entre os 6 e 8 meses já os coelhos desta raça têm adquirido o desenvolvimento e as características da

pele convenientes, podendo ser então abatidos, se estão em boa idade do pêlo. Há uns tipos desta raça, denominados *precoces* e que dos 4 para os 5 meses, isto é, depois da 2.^a muda, podem ser sacrificados. Esta, como todas as raças de peles, para que produzam bem devem ser muito bem alimentadas, convindo juntar á ração de aveia pequenas quantidades de farinha de peixe ou de sangue.

29. HAVANA (13)

a) *Origem* — Os criadores holandeses afirmam ser esta raça uma variedade do coelho comum holandês, tendo sido exposta em Utrech em 1899; os autores franceses dizem que, pelo menos o havana francês, foi obtido por Jeanne Lemaire e apresentado, pela primeira vez, em 1902; outros, ainda, querem que seja uma variedade do prateado. É muito procurada, graças á excelencia da pele, para a curtimenta e fabrico de abafos e adornos, imitando o castor e a marta; a carne é tambem muito fina.

b) *Padrão* — Corpo elegante e bem proporcionado; cabeça média e bem posta, redonda e maior no macho, e mais pequena e afilada na femea; olhos côr de laranja, grandes; pescoço sem papada, de tamanho regular, bem destacado da cabeça; orelhas curtas, pequenas e sempre erguidas; membros delicados, compridos e finos; cauda bem unida contra o corpo; o peso dos 8 aos 12 meses deve ser de 2^{kg},500; pêlo curto, fino, macio, cinzento perola, á flôr da pele e canela escuro ou havana no extremo; pelagem côr havana (canela ou tabaco havana) em todo o corpo, incluindo a parte inferior que não deve ser mais clara que a su-

(13) Tambem conhecido por *coelho de Bever* ou raça *Castor*. O termo havana significa côr do tabaco havano ou de canela.

perior, bem como a cabeça, o pescoço, os pés e o rabo (Fig. 15).

c) *Variedades* — A descrição que fazemos refere-se ao havana de tipo francês. Há também os *grandes havanas*, tipo obtido por Poutogny em 1913 pelo cruzamento do havana com o azul de Viena e cujo peso mínimo é de 4 quilogramas.

d) *Desclassificações* — Formas pesadas, cabeça grande, orelhas largas ou mal colocadas, dorso recurvado, ventre grande, orelhas compridas, moles, pendentes ou afastadas; peso abaixo de 2^{kg},500 ou acima de 3 quilogramas; côr muito escura, muito clara ou muito amarelada; tom da pelagem não uniforme; olhos de côr diferente da pelagem; pêlos brancos desseminalados entre a pelagem; qualquer mancha amarelada, ou papada, por mais pequenas que sejam; unhas de côr diferente da havana.



Fig. 15 — Havana

e) *Escala de pontuação* — Tipo, 20; orelhas, 10; olhos, 5; pêlo, 5; peso, 20; côr da pelagem, 30; condições gerais, 10. Total, 100.

f) *Criação* — É uma raça muito fácil de criar por ser muito sobria e rustica. As fêmeas são prolíficas, dando de cada parto 6 a 10 filhos e podendo ter 6 ou 7 partos no ano. Os filhos aos 8 ou 10 meses têm adquirido o tamanho próprio.

Devemos criar estes coelhos em Portugal; quando

quizermos obter boas peles, escolheremos o regime celular em lugar fresco e muito sobrio, pois a intensidade da nossa luz solar, mesmo á luz difusa, ou na sombra, é bastante para lhe descorar ou manchar a pelagem.

30. AZUL DE BEVEREN

a) *Origem* — Esta raça é originária das comunas belgas de Waes e Saint Nicolas, mas tem o nome de Beveren porque foi nesta região que se constituiu o centro principal da sua criação e se fixaram os caracteres da raça, que é recente, tendo pouco mais de 30 anos. Têm uma carne muito delicada que passa por ser das melhores entre as de coelho, e a sua pele é bastante apreciada em peletaria por não precisar de ser tinta, dando, em natureza ou tosquiada, magníficas imitações.

b) *Padrão* — Aparência geral em forma de bandidim, grandeza média, alongado, alto sobre os membros posteriores, garupa muito levantada; cabeça muito longa na fêmea, mais grossa no macho; olhos grandes azues escuros e brilhantes; orelhas longas e estreitas, bem direitas e abertas em V; dorso alongado e bem cheio de carnes; cauda média bem unida; membros dianteiros delicados e curtos, e os trazeiros mais longos e fortes, com unhas azues escuras ou brancas, com malhas azues escuras; pêlo longo, denso, sedoso e luzidio; pele de tecido muito unido; pelagem azul escuro intenso (ardosia) ou azul claro; peso de 3 a 5 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Orelhas pendentes; pêlo rude, lanoso ou frizado; membros afastados para fóra ou para dentro (desaprumados); ponta da orelha larga com uma orla esbranquiçada no extremo; peso superior a 5 quilogramas.

d) *Escala de pontuação* — Peso, 20; tamanho do corpo, 20; cabeça, 10; orelhas, 10; olhos, 5; pés, 5; papada, 5; pêlo e pelagem, 20; aspecto geral, 5. Total, 100.

e) *Criação* — É uma das melhores raças até hoje conhecidas; engorda com facilidade, é muito prolífica, resistente às doenças e excelente nos produtos. Cada ninhada conta 8 laparos, em média, que crescem e engordam facilmente, atingindo, aos 6 meses, 3 a 3,5 quilogramas. Como é considerado pela *Association Agricole de Beveren-Waes* (Belgica), standardizadora e mantenedora da pureza da raça, um grave defeito, o peso superior a 5^{kg},5 (porque então se perde a finura da carne e das peles), não ha vantagem em desbastar as ninhadas, podendo deixar-se às mães todos os filhos, não excedendo 8. Os acasalamentos devem sempre fazer-se escolhendo machos azul escuro (ardozia) para femeas azul claro e vice-versa. As femeas podem começar a ser cobertas entre os 6 e 8 meses; os machos depois dos 10 meses podem ser lançados.

31. REX OU CASTORREX

a *Origem* — Em resultado de mutações bruscas, succede aparecerem, nas ninhadas de coelhos, laparos com *pêlos de rato*, facto este que a ingenuidade popular tem atribuido às coisas mais absurdas, entre elas a possíveis coitos entre ratazanas e coelhos, sendo, por isso, esses animais invariavelmente sacrificados.

M. Caillon, agricultor do Sorthe (França), tendo observado em 1919 o aparecimento, numa ninhada de coelhos normandos, de dois laparos de sexos diferentes com pêlo desta qualidade, teve a boa ideia de os acasalar a fim de obter a transmissão hereditaria destes caracteres. Apesar do exito da experiencia, só em 1924 conseguiu que a *Societé Central de Cuniculi-*

culture reconhecesse estes coelhos como uma nova raça, á qual foi dado o nome de *Castorrex*.

Quando descrevemos a pelagem dos coelhos prateados de Champagne dissémos que esta, como a de todos os coelhos, era formada por duas categorias de pêlos, uns mais curtos, a que poderíamos chamar a *bôrra ou anafaiá*, e outros mais compridos, a que os franceses chamam *jarre* e a que nós poderemos chamar pêlos *churdos, churros* ou *caprios*, parecendo-nos, porém, preferível a primeira designação.

A mutação operada consistiu no desaparecimento dos pêlos *churdos* (14) na maior bastidão dos pêlos da *bôrra*, que tomaram também uma outra direcção, deixando de estar acamados e inclinados como é característico das outras raças, para se levantarem perpendicularmente á superfície da pele como na lontra e toupeira. Os pêlos que constituem a *bôrra* ou *anafaiá* são dez vezes mais numerosos do que os *churdos*, nos casos normais, e mantêm-se nesta proporção mesmo nos casos de nanismo de pêlo que originaram os *Rex*, perdendo porém os pêlos *caprios* a ponta acerada o que os faz confundir com os outros, motivo porque a principio se julgaram ausentes.

Alguns investigadores quiseram atribuir a um treponema, que provoca a sífilis do coelho, esta distrofia do pêlo; outros atribuíram-na a uma influencia parasitaria intestinal e, ainda outros, a uma reprodução em extrema consaguinidade. Nenhuma destas teses, porém, conseguiu, no campo científico, uma demonstração cabal, nem ela é necessaria sob o ponto de vista pratico: o essencial é saber-se que a mutação foi obra de Natureza e não da vontade do homem, se transmitiu facilmente por hereditariedade dando

(14) Alguns zootecnistas afirmam que os pêlos *churdos* não desapareceram, mas foram atrofiados ou reduzidos ao mínimo, devido á intoxicação do sangue dos pais.

origem ao Castorrex, e que este, cruzado judiciosamente com individuos doutras côres, deu origem aos chamados rex de côr (brancos ou *herminia rex*; negros ou *lontra-rex*; azues-rex; *chinchila-rex*; *lince-rex*, etc.), que constituem o magnifico grupo conhecido hoje pelo nome de *Rex* (rei dos coelhos), dentro do qual estão os melhores coelhos produtores de peles. A carne dêstes coelhos é também muito fina.

b) *Padrão* — Corpo alongado, lembrando na forma a lebre belga; cabeça fina, um tanto alongada, mais forte no macho; orelhas longas, algo desproporciona-



Fig. 16 — Castorrex

das, recobertas por pêlos finos; olhos escuros, de pupila mais caregada, com um circulo claro em volta; membros da frente curtos e os detrás muito compridos, fortes e direitos, o que dá a esta raça um andamento especial e tipico; unhas escuras, muito compridas desde a nascença, tornado-se com a idade imensamente longas; cauda direita, muito unida aos flancos, branca por baixo e escura por cima; peso, aos 18 meses, cinco quilos (Fig. 16).

c. *Varietades* — As mais categorizadas são: *castorrex escuro*, *castorrex castanho* ou *havana*, *cas-*

torrex azul ou lince-rex, branco-rex, arminho-rex, negro-rex, alaska-rex, nutria-rex, toço-rex, lilás-rex, havana-rex e chinchila-rex. A côr da pelagem do castorrex vai do vermelho escuro ao acaju escuro, passando pela coloração que lembra a da pele de castor selvagem desprovida de pêlos churdos. Nos concursos, os juris têm preferido as côres mais carregadas, para as aproximarem mais do tom da pele de castor. Devem banir-se as peles sem lustro ou as que não tenham a côr bem repartida no dorso, a qual deve ser, quanto possível, da mesma tonalidade, esbatendo-se, insensivelmente, para o ventre, que é branco ou cinzento muito claro, com as coxas ás vezes também um tanto cinzentas.

O *havana-rex*, obtido pela hibridação com femeas havana, é o que mais se aproxima, na côr do castorrex. Tem um pêlo muitíssimo fino, e a côr uniforme, mesmo nos flancos e no ventre, sendo a pele totalmente utilizavel. Devem evitar-se nesta variedade os pêlos brancos. As peles dos *preto-rex*, obtidos pela hibridação de raças de pele negra, devem ter uma côr muito brilhante.

O *lontra-rex* tem a pelagem com reflexos castanhos e muito aveludada, o fundo do pêlo cinzento, e o ventre com uma facha cinzenta.

A pelagem do *chinchila-rex* deve ter uma côr homogenea, ás vezes com uma tonalidade castanha; o ventre tem uma facha branca.

Os *branco-rex* são os mais facéis de obter. A sua pele, uniformemente branca, é toda ela utilizada. Podem ser obtidos pela hibridação do branco de Vendea, do branco de Viena e do branco de Bouscat.

O *arminho-rex* é híbrido do polaco; têm um pêlo muito fino e muito denso. As peles são sedosas, mas pequenas.

Os *azues-rex*, híbridos do azul de Viena ou de Beveren, têm peles magnificas, muito aveludadas, e

como a base do pêlo é cinzento muito claro, a pele, ao soprar-se-lhe, adquire magníficos reflexos.

Os *rosa-rex*, os *gris-perles*, os *côr de fogo*, os *laranja*, os *zibelinos*, os *fuinhas*, etc., preenchem, por assim dizer, toda uma gama de côres na pelagem dos coelhos do grupo Rex.

d) *Desclassificações* — Orelhas pendentes, unhas claras, pêlos caprios, pêlo sem a côr do tipo, ou demasiado comprido, ou pouco basto, ou sem brilho.

e) *Escala de pontuação* — Forma e aspecto, 12; pelagem, 40; côr, 25; orelhas, 5; olhos, 7; patas e unhas, 11. Total, 100.

f) *Criação* — A principio e pode dizer-se que até 1927, a criação de Rex, mantida em mãos de muito poucos criadores, era por estes considerada como uma coisa muito difícil, propalando-se que em consequencia da infecção treponemica, a distrofia do pêlo era acompanhada duma grande perda de resistencia ás doenças. Hoje sabe-se que não é assim, e que esta raça é tão difícil de criar como qualquer das outras raças de elite, não dispensando, é certo, os cuidados gerais de higiene, mas não exigindo mais que as outras raças de pele; são até um pouco mais resistentes á chamada doença do *ventre grande* do que as outras raças.

As femeas são bastante prolificas, parindo, de cada vez, entre 5 e 10 filhos, os quais nascem muito mais claros do que os pais, carregando-se a coloração do pêlo em cada muda, atingindo as variedades escuras a sua boa côr sómente aos 18 meses. São coelhos muito vorazes, que atingem fácilmente o peso de 5 quilogramas. Preferem uma alimentação variada, sem excesso de ervas, com feno de prado ou de luzerna e aveia. Muito doces, estes coelhos familiarizam-se facilmente.

Devem criar-se em jaulas. Também é conveniente, quando os partos são muito numerosos (mais de 5 ou 6 laparos), dar amas aos laparos que excedem este numero para o que se devem ter sempre coelhas comuns cobertas da mesma época, pois sendo animais apreciados pelo tamanho e beleza das peles, se forem mal aleitados, o que aconteceria se se deixassem muitos laparos a uma mesma femea, não atingiriam bom desenvolvimento. Os ninhós devem visitar-se, para isso, no dia seguinte ao da nascença, eliminando-se os laparos muito fracos ou defeituosos e distribuindo pelas amas os que excedem 6.

Nalgumas ninhadas aparecem, ás vezes, individuos que proximo de um mês de idade perdem todo o pêlo, e que se não devem deitar fóra, porque o pêlo torna a nascer; no entanto, como ficam sempre com uma pelagem de segunda qualidade, convém não os guardar como reprodutores.

Os coelhos rex fazem a muda do pêlo muito mais cedo que os das outras raças; no nosso país é raro o rex que a não tem já terminado em Dezembro; talvez que isto seja devido á pequenez dos pêlos churdos.

Aos sete meses de idade deve fazer-se a escolha definitiva dos coelhos deixados para reprodutores. Um mês antes de serem sacrificados convém fazer o isolamento dos animais destinados a peles, para que não manchem o pêlo, e se possa sobre este fazer uma limpeza constante; nunca se devem sacrificar sem ter terminado a muda.

Para se apreciar bem o valor da pele do castorrex pode operar-se pela foma seguinte: coloca-se o coelho sobre uma mesa, para com a vista e o tacto se fazer uma ideia geral do valor da pele; depois toma-se entre o polegar e o index uma pequena porção de pêlos, a meio do dorso, e arrancam-se. Colocam-se depois estes pêlos sobre uma folha de papel untado de goma arabica, isolam-se aí com um estilete, e me-

dê-se-lhes o comprimento; se este não ultrapassar 1^{cm} a $1^{\text{cm}},3$ o rex é de pelagem perfeita; se o pêlo está compreendido entre $1^{\text{cm}},3$ e $1^{\text{cm}},6$ é considerado de pelagem média; acima disso pode considerar-se imperfeito.

Animais cuja pele tem um grande valor, os rex obrigam a uma selecção muito cuidadosa, não sendo admissível nesta raça os mestiços desordenados ou quaisquer tentativas de cruzamento; pode afoitamente dizer-se que foram os exagerados cruzamentos com todas as raças que provocaram os chamados rex ou castorrex indefinidos, entre os quais, segundo as leis de Mendel, aparecem muitos que se afastam, sem nenhum merito do tipo inicial.

Devemos, portanto, escolher bons progenitores, mas muito especialmente um bom macho, pois este imprime mais os seus caracteres na descendencia do que a femea.

Se cruzarmos um coelho arminho-rex com uma coelha branca de Venda todos os filhos nascem com pêlo normal; mas se cruzarmos depois entre si os filhos desse primeiro cruzamento, nascerão alguns taparos com as características rex e que, acasalados, poderão transmitir esses caracteres, facto este explicado pela nova ciencia, a genetica, cujas leis não cabe aqui enumerar.

32. ZIBELINA (15)

a) *Origem* — Foi obtido, há poucos anos, pelo cruzamento dum macho chinchila com femeas angoras brancas, herdando uns laparos os caracteres dos angoras, outros os dos chinchilas, outros saíram negros, e poucos zibelinas. O grande experimentador Dyboàski, que foi o criador do chinchila, movido pelo interesse de descobrir outras novidades, ensaiou

(15) Também chamado *marta-zibelina*.

novos cruzamentos para ver se conseguiria outras fontes de zibelinas e chegou á conclusão de que isso é possível mas sómente quando se tem como base o chinchila. Assim, conseguiu obter zibelinas pelos cruzamentos de chinchila com femeas brancas de diversas raças e ainda pelo cruzamento com o *chamois*.

Os coelhos desta raça têm uma pelagem muito densa e brilhante que imita a do animal que lhe deu o nome (marta-zibelina). É das melhores raças de peles.

b) *Padrão* — Corpo fino e elegante ; cabeça fina nas femeas e mais grossa nos machos ; orelhas bem postas de tamanho médio ou pequenas ; olhos grandes, vivos, escuros, com reflexos rubis na meia escuridão ; papada nula no macho e pequena na femea ; membros médios e fortes ; unhas escuras ; pêlo fino, denso, muito brilhante e um pouco maior do que o dos coelhos comuns, sendo alguns dos chuídos maiores do que os outros, o que faz assemelhar a pele á da foinha ou zibelina ; pelagem da côr da marta-zibelina, esbatendo-se a côr do dorso para os flancos e ventre, que são côr *beije* (amarelo claro), a cabeça, as orelhas, as patas e a cauda são castanho escuro, o alto da cabeça e as faces um pouco mais claras, a cauda com a mesma côr nas duas faces ; peso entre 2,5 e 3,5 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Pequena malha branca na ponta do focinho, ou na extremidade dalguma pata anterior.

d) *Escala de pontuação* — Côr, 50 ; densidade do pêlo, 35 ; forma, 5 ; peso, 5 ; condições, 5. Total, 100.

e) *Criação* — Os coelhos desta raça, talvez porque ela ainda não esteja definitivamente fixada, parem sempre em cada ninhada uns laparos de côr cinzento perola muito claros e outros côr de toupeira ; os primeiros aos 3 meses ficam côr de zibelina e conservam

esta durante toda a vida, ligeiramente escurecida em cada muda; os segundos tomam até aos 6 meses a côr zibelina mas mais escura e, passada esta idade, fazem-se escuros de mais.

Devem preferir-se os primeiros, sendo, porém conveniente guardar alguns machos dos segundos, como fiadores, para o caso do tom geral das pelagens começar a branquear, cruzando-os então com as fêmeas muito claras.

33. PETIT-GRIS

a) *Origem* — Raça obtida em 1919 por M. P. Manuelle, em França, sobre uma mutação do havana. A sua pelagem lembra o *petit-gris*, cujas peles são muito caras. É também boa raça de carne.

b) *Padrão* — Corpolencia média, alongada, cilíndrica; membros finos; cabeça semelhante ao havana, orelhas proporcionadas ao tamanho, levantadas e firmes; olhos cinzentos, com reflexos avermelhados como os havanas, iris azul esfumada e pupila azul intensa, quasi negra á luz viva, e vermelho rubi na penumbra; patas vigorosas, curtas; unhas escuras; pêlo muito abundante e macio, de comprimento médio e com a bôrra muito espessa e os longos pêlos churdos regularmente repartidos; pelagem côr *petit-gris*, tomando os pêlos churdos a mesma côr da bôrra e ao sol uma côr malva, muito brilhante; peso 3 a 4 quilogramas.

c) *Desclassificações* — Ossos salientes; orelhas afastadas; olhos ou unhas claras; papada; malhas brancas em qualquer parte do corpo.

d) *Escala de pontuação* — Tipo, 20; orelhas, 5; olhos, 5; pêlo, 10; peso, 20; côr, 30; condições gerais, 10. Total, 100.

e) *Criação* — É uma raça muito rustica, de boa fecundidade e com partos de 6 a 10 laparos. É preciso um grande cuidado na escolha dos reprodutores, que devem ser separados entre os coelhos de melhor côr e mais vigorosos. Devem criar-se em jaulas, situadas em lugar escuro e sêco.

34. LILÁS

a) *Origem* — Inglesa, obtido pelo cruzamento do havana com o azul de Beveren. É das raças mais consideradas, pela pelagem, nos Estados Unidos e na Califórnia. A carne é regular.

b) *Padrão* — Corpo curto, atarracado, de ancas largas, parecido um pouco com o havana; cabeça curta, não abaulada, maior no macho que na fêmea; olhos grandes, de côr idêntica á pelagem e cuja pupila na obscuridade deve ser vermelho vivo ou vermelho-rubi; orelhas curtas, bem erguidas e cobertas externamente de pêlo; patas curtas e fortes, da mesma côr do corpo em toda a extensão; pêlo macio, fino, espesso, bem unido ao corpo e que, quando arrepiado, toma logo a primeira posição; pelagem cinzenta azulada com reflexos rosados formada por pêlos todos da mesma côr desde a raiz á ponta; peso maximo 3,170 quilos.

c) *Desclassificações* — Pupila sem reflexos vermelhos na penumbra; côr mal definida da pelagem; pêlos ou malhas brancas.

d) *Escala de pontuação* — Côr, 25; pêlo, 25; formas, 15; olhos, 10; cabeça, 5; orelhas, 5; patas, 5; peso, 10. Total, 100.

e) *Criação* — São coelhos faceis de criar, que se alimentam com pouco, e de crescimento rapido. As fêmeas são prolificas e boas mães.

CAPITULO IV

RAÇAS EXPLORADAS PELO PÊLO

35. ANGORÁ (16)

a) *Origem* — Durante muito tempo se afirmou ser esta raça oriunda da capital da Anatólia (Asia menor) cujo nome tomou. Hoje sabe-se que o termo Angorá se estendeu até aos coelhos de pêlo muito comprido por analogia ou semelhança com as raças de gatos e de cabras Angorá que se caracterizam principalmente por essa particularidade, e que o aparecimento de pêlo longo e sedoso não é apanágio duma raça mas consequencia duma modificação no crescimento e aspecto do pêlo sob a acção duma temperatura quente, em lugar saudavel e não muito iluminado. Nandin conseguiu assim obter coelhos felpudos

(16) Os franceses chamam-lhe também raça *Santo Inocente*. Alguns criadores, por semelhança de nome, *raça de Angola*.

(tipo Agorá) de qualquer raça, o que nos leva a acreditar que a raça Angorá é devida ao aparecimento accidental desta particularidade no pêlo, tornada hereditaria. É uma raça de triplice finalidade: dá optima carne, boas peles para curtimenta e excelente pêlo industrial.

b) *Padrão* — Em repouso deve ter o aspecto duma bola dentro da qual a cabeça e as orelhas desaparecem, não se podendo por isso apreciar os contornos do corpo ou das patas. A cabeça é de grandeza mé-



Fig. 17 — Angora

dia, mas um pouco alongada com o frontal e as faces bem cobertas de pêlo que quasi cobrem os olhos; as orelhas são levantadas, curtas, separadas em V, não muito aberto, tendo as extremidades providas duma borla de pêlos compridos e compactos, a concha externamente bem revestida e internamente lisa e côr de rosa; os olhos na variedade branca são côr de rosa palido, bem abertos, e nas outras variedades têm a côr da pelagem; o pescoço é forte e robusto, mas não deve poder ver-se; os membros são compridos, finos e bem revestidos de pêlos; cauda comprida e bem adornada; pêlo tão comprido quanto possivel, fino, se-

doso, abundante, uniforme, liso, compacto, doce ao tacto, e deve revestir o corpo por forma que não deixe ver a minima porção de pele; pelagem de côr uniforme, excepto para a variedade siberiana.

c) *Varietades* — Criam-se três tipos que podem distinguir-se pelo peso dos individuos adultos: *pequeno* (17), com 1,5 a 2 quilogramas; *médio*, 2 a 4 quilogramas; *grande*, mais de 4 quilogramas. A raça primitiva era branca; hoje as variedades mais apreciadas são a negra pura, a azul escura, a havana e a siberiana.

d) *Desclassificações* — Corpo mal revestido; pêlo inferior a 0^m,10, abrindo marrafa ou emaranhado, ralo, sujô, ou mal tinto (dentro da variedade), grosso ou lanoso; animais ariscos, malhas; falta dos tufos no focinho ou nas orelhas; peso improprio do tipo.

e) *Escala de pontuação* — Pele, 60 (sendo 20 pontos para a qualidade, 15 para o comprimento do pêlo, 15 para a sua abundancia, 10 para a côr); peso, 10; borlas ou tufos das orelhas, 10; estado geral, 20. Total, 100.

f) *Criação* — Sendo uma raça que pode explorar-se com três objectivos, são naturalmente diferentes os cuidados a ter, consoante se pretende apenas obter boa carne, explorar o pêlo, ou obter peles para curtimenta. A sua optima carne tem levado alguns cuniculicultores, a quem só a carne interessa, a criar esta raça, apesar dos cuidados higienicos que é preciso proporcionar-lhes para se evitar que o pêlo se emaranhe e encha de estrume, comprometendo a saude e o desenvolvimento do animal. Isto só se pode explicar por

(17) Antiga raça de Santo Inocente.

um certo capricho de paladar, pois há outras raças como o Chinchila e Siberia de carne igualmente saborosa e que não exigem tantas despesas.

A obtenção do pêlo textil é a razão mais antiga da exploração desta raça, já descrita em 1805 pelo abade francês Rozzier. Ultimamente a escassez de peles de animais selvagens para curtimenta e confecção de abafos levou alguns criadores a explorar os Angorás de tipo grande, abatendo-os para esse efeito depois da muda no inverno.

O Angorá é um coelho de indole pacifica e muito sociavel, que se deixa fácilmente apanhar e sente prazer quando o penteiam e o afagam, o que facilita muito os tratamentos. As femeas são muito prolificas, dando muitas ninhadas com a média de 7 ou 8 laparos; não devem entregar-se á reprodução antes dos 7 ou 8 meses. Os machos so devem começar a cobrir com um ano, embora possam realizar a copula depois dos seis meses.

Os laparos nascem nus e com uma cabeça muito grande; passados 4 a 8 dias, conforme o calor, revestem-se de pêlo, que cresce rápidamente. Embora a primeira muda se faça apenas aos três meses e seja depois dela que deve haver mais cuidado com a *toilette* dos Angorás, é muito conveniente começar a pentear os laparos logo na idade de um mês ou mês e meio, quando o pêlo começa a ter tendencia para encaracolar, renovando essa operação todos os 15 dias. Em Inglaterra usa-se uma escova metalica ou de cerdas rijas; em França empregam um pente forte, de grandes dentes, semelhante ao usado para pentear as crinas aos cavalos.

Há uma certa tecnica nesta operação: faz-se o penteado pela manhã, depois da primeira distribuição de comida, colocando o coelho sobre os joelhos do tratador, que deve trabalhar sentado, ou dentro duma goteira que se coloca sobre uma mesa. O pente ou a escova passa-se de cima para baixo e depois de

baixo para cima, em direcções opostas, para que no pêlo se não abram riscas que dariam ao coelho um aspecto desagradavel.

Quando, por negligencia do criador, ou por os coelhos não serem criados sobre rede ou grade que dê immediata saída aos escrementos, os pêlos se emaranham e formam bolas, devem cortar-se á tesoura, tosquiando porventura todo o coelho, se se mostrar com grandes falhas que o tornem feio.

Apesar de serem animais muito rusticos não convém criá-los em pleno ar porque com isso perde o pêlo o seu brilho e flexibilidade: devem manter-se em celulas postas em lugar escuro, quente e sem correntes de ar.

A colheita do pêlo não se faz por tosquia, mas por arranque, em occasião oportuna, isto é, quando ele está *maduro*, pois de contrario magoa o animal, tornando-se a pele vermelha, e comprometendo-se a sua saude. As oito semanas faz-se o primeiro arranque, que não nos dá pêlo de boa qualidade, mas que é indispensavel para regularizar a nova produção. Este primeiro arranque é o mais perigoso, e, quando o tempo correr frio ou ventoso, é preferivel atrazá-lo uns dias, mantendo depois os coelhos em sitio bem confortavel e arraçoando-os bem pelo menos durante 15 dias, que é o tempo que o novo pêlo demora a aparecer. Dois meses mais tarde deve fazer-se novo arranque; a terceira depilação far-se-á 70 dias depois da segunda; e em cada arranque de pêlo vai-se atrazando sempre 10 a 15 dias, até o animal completar o ano. A partir dessa idade faz-se a depilação cada três meses. Os coelhos podem produzir durante os primeiros 11 meses 200 gramas de pêlo; os adultos produzem 300 gramas por ano.

Tem também uma certa tecnica o arranque do pêlo: principia-se por passar um pente sobre ele para o alisar; depois segura-se a pele com a mão esquerda e com a direita puxam-se perpendicularmente os pêlos, principiando pelos mais compridos atrás das espa-

duas e segurando de cada vez uma pequena porção, que se puxa de trás para diante; nas outras regiões puxa-se segundo a inclinação do pêlo. Não se arrancam os pêlos da cabeça, do rabo e das patas. Os coelhos não ficam completamente pelados, mas apenas revestidos pela camada de pêlos curtos.

Desprovidos de pêlo, os coelhos sentem frio, e por isso convém, nas coelheiras que não têm aquecimento, reunir as fêmeas ou os machos castrados, aos 5 ou 6 em cada gaiola, sobre camas espessas.

O pêlo de angorá para ter valor industrial deve ser de côr pura; os pêlos amarelos, mesmo que a coloração seja natural e não proveniente das urinas e camas sujas, são mal pagos pelos industriais que temem esta causa. Depois de colhidos, são os pêlos colocados dentro de caixas de madeira, soltos, sem qualquer compressão que os pode emaranhar.

36. SIBERIA (18)

a) *Origem* — Na Sibéria, como já vimos quando nos referimos á area geografica de distribuição de coelhos, não há coelhos, e portanto este nome não tem qualquer relação com a sua origem, a qual deve buscar-se no cruzamento do russo com o angorá branco, cujos caracteres se fixaram e reproduzem fielmente, por forma a constituírem uma raça distinta.

São bons animais para carne e para produzirem pêlo e peles industriais. O pêlo é, porém, inferior em comprimento e qualidade ao do angorá.

b) *Padrão* — Corpo pequeno, o mais pequeno possível, com o peso variando entre 1,5 a 3 quilogramas, e de formas curtas e arredondadas; cabeça grande, lanosa e alongada; olhos grandes e rosados; orelhas

(18) Também conhecido por russo-angorá.

curtas, direitas, cobertas exteriormente por numerosos pêlos pequenos e por dentro completamente nuas; membros pouco compridos e robustos; pêlo longo, fino, sedoso; pelagem branca mas com as malhas características dos russos, nas orelhas, ponta do focinho, patas e rabo.

c) *Desclassificações* — Peso superior a 3 quilogramas (19); corpo muito comprido; olhos de côr diversa do padrão especialmente cinzentos ou azulados.

d) *Escala de pontuação* — Identica ao Angorá.

e) *Criação* — É uma raça delicada, que sofre muito com o frio e com o calor, mas que é apreciada pela sua fecundidade (6 a 9 laparos por ninhada). Kempster Knighth ensina a produzir com facilidade indivíduos desta raça, partindo das raças originárias angorá e russo. Podem operar-se dois cruzamentos, sendo um do macho himalaia com a femêa russo, e outro da femêa russo com o macho russo. Os produtos do primeiro cruzamento terão, quasi com certeza, as manchas bem marcadas, mas o pêlo não terá comprimento e não será sedoso; os produtos da segunda cruza terão um pêlo semelhante ao do angorá puro, mas as malhas negras serão menos precisas. Se cruzarmos uns com os outros os laparos filhos destas duas cruzas, escolhendo os melhores, obteremos em segunda geração uma meia dúzia de laparos com os caracteres do Siberia. Se o pêlo fôr deficiente bastará cruzar estes produtos com o angorá, se as malhas forem pouco pronunciadas, cruzaremos com o russo.

Na criação e colheita do pêlo procede-se como no coelho russo.

(19) Pretende-se formar uma variedade *gigantes da Siberia*, que, quando fixada, terá peso superior.

ÍNDICE

Capítulo I — GENERALIDADES

1. Origem do coelho.....	3-4
2. Caracteres zoológicos do coelho.....	4-6
3. Função económica	6-7
4. As raças e sua apreciação	7-10
5. O coelho bravo.....	10-12
6. O coelho comum.....	12-14

Capítulo II — RAÇAS PRODUTORAS DE CARNE

7. Gigante Flandres	15-18
8. Gigante azul de Viena.....	18
9. Normando e gigante normando.....	19-20
10. Gigante espanhol	21-22
11. Ariete, orelhudo ou de orelhas pendentes.....	23-26
12. Patagonia ou americano.....	26-27
13. Gigante da Picardia.....	27-28
14. Fulvo de Borgonha.....	28-30
15. Belga	30-32
16. Borboleta	32-34
17. Japonês	34-36
18. Holandês	36-38
19. Brabante	38-40

Capítulo III — RAÇAS EXPLORADAS PELA PELE

20. Negro e fogo.....	41-44
21. Russo	44-46
22. Alaska	46-47
23. Polaco	47-49
24. Branco de Bouscat.....	49-50

25. Branco da Vendéa.....	50-51
26. Branco de Hotot.....	52
27. Prateado de Champagne.....	53-55
28. Chinchila	56-58
29. Havana	58-60
30. Azul de Beveren.....	60-61
31. Rex ou Castorrex.....	61-67
32. Zibelina	67-69
33. Petit-gris	69-70
34. Lilás	70

Capitulo IV — RAÇAS EXPLORADAS PELO PÊLO

35. Angorá	71-76
36. Siberia	76-77



CENTRO CIÊNCIA VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329709186

BIBL. MUSEU NAC. C. TEC.
29 MAR. 1977
COIMBRA

SECÇÃO XIX.ª — CONSERVAÇÃO DE
PRODUTOS AGRICOLAS

1. Fenação.
2. Ensilagem.
3. Conservas de legumes.
4. Conservas de frutos.
5. Conservas de carnes e leites.
6. Conservação de ovos.

SECÇÃO XX.ª — ENGENHARIA RURAL

1. Topografia
2. Construções rurais.
3. Material agricola.
4. Hidraulica agricola.
5. Electricidade agricola.

SECÇÃO XXI.ª — ECONOMIA AGRICOLA

1. Escrituração e contabilidade agricolas.
2. Associação e sindicalismo agricola.
3. Comercio agricola.

SECÇÃO XXII.ª — JURISPRUDENCIA
LEGISLAÇÃO

1. Legislação agricola.
2. Legislação florestal.
3. Legislação pecuaria.
4. Fiscalização dos produtos agricolas.

FOLHETOS PUBLICADOS

- 1 — *Medicina das aves: Doenças contagiosas microbianas* — Joaquim Pratas, médico veterinário.
- 2 — *Viticultura: Videiras americanas* — André Navarro, engenheiro agrónomo.
- 3 — *Aquicultura: Peixes das águas interiores* — J. G. Alfaro Cardoso, engenheiro silvicultor.
- 4 — *Arboricultura: Plantação e grangeio dos pomares* — Joaquim Vieira Natividade, engenheiro silvicultor e agrónomo.
- 5 — *O meio fisico e os seres vivos: O solo agricola* — A. Perez Durão e A. Urbano de Castro, engenheiros agrónomos.
- 6 — *Horticultura: Culturas especiais* — José Joaquim dos Santos, engenheiro agrónomo.
- 7 — *Silvicultura: Noções gerais* — Horácio Eliseu, regente florestal.
- 8 — *Sericicultura: O bicho da seda* — Joaquim Pratas, médico veterinário.
- 9 — *Praticultura: Ervagens de leguminosas* — António Luiz de Seabra, engenheiro agrónomo.
- 10 — *Jardinagem: Plantas ornamentais* — Artur Urbano de Castro, engenheiro agrónomo.
- 11 — *Construções rurais: O galinheiro* — Joaquim Pratas, médico veterinário.
- 12 — *O meio fisico e os seres vivos: Correção do solo* — A. Perez Durão, engenheiro agrónomo.
- 13 — *Tecnologia rural: O vinagre* — Manuel J. Coutinho, viti-vinicultor.
- 14 — *Jardinagem: Noções gerais de jardinagem* — Artur Urbano de Castro, engenheiro agrónomo.
- 15 — *Cuniculicultura: As melhores raças de coelhos* — Joaquim Pratas, médico veterinário.

FOLHETOS A SEGUIR

- Tecnologia rural: O azeite* — Artur Urbano de Castro, engenheiro agrónomo.
- Noções de fisiologia animal* — Idalino Gondim, medico veterinario.
- Cultura do arroz* — Benjamim Franklin Benoliel, engenheiro agronomo.
- Exploração florestal: ordenamento* — Antonio Mendes de Almeida, engenheiro silvicultor.
- Pinhais* — Antonio Arala Pinto, engenheiro silvicultor.
- Carvalhais, soutos e montados* — Joaquim Vieira Natividade, engenheiro agronomo e silvicultor.
- Doenças da vinha e seus tratamentos* — D. Martinho Pereira Coutinho, engenheiro agronomo.
- Medicina do cão e do gato: doenças dos orgãos e da nutrição* — J. V. Paula Nogueira, medico veterinario.
- Medicina das aves: doenças dos orgãos e da nutrição* — Joaquim Pratas, medico veterinario.
- Resinagem. Produtos resinosos* — Antonio Eduardo Freire Gameiro, engenheiro silvicultor.
- Estabulos* — Antonio Roque Pedreira, medico veterinario.
- Escrituração e contabilidade agricolas* — Augusto Ruela, engenheiro agronomo.

